

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
FACULDADE DE LINGUAGEM E ZOOCTENIA
COORDENAÇÃO DE LETRAS

CATIANE VIEIRA SOUZA

MAIS DO QUE NAVEGAR, É PRECISO IMAGINAR: a resignificação dos
espaços infantis em *Corda Bamba* e *Sapato de Salto*,
de Lygia Bojunga.

Pontes e Lacerda – MT
2014/1

CATIANE VIEIRA SOUZA

MAIS DO QUE NAVEGAR, É PRECISO IMAGINAR: a ressignificação dos espaços infantis em *Corda Bamba e Sapato de Salto*, de Lygia Bojunga.

Trabalho de conclusão de curso como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras, no Campus Universitário de Pontes e Lacerda-UNEMAT.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a Marinei Almeida

Co-orientador: Prof. Me. Epaminondas de Matos Magalhães.

Pontes e Lacerda – MT
2014/1

O presente trabalho foi avaliado perante a seguinte banca:



Prof.ª Dr.ª Marinei Almeida
(Orientadora)



Prof.ª Me. Epaminondas de Matos Magalhães
(Co-Orientador)



Prof.ª Me. Aparecida Cristina Ribeiro
(Examinadora)

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ter me dado forças para prosseguir nesta caminhada.

Em segundo lugar dedico aos meus pais Amador Alves de Souza e Concebida Dutra Vieira por me encorajarem e por acreditarem que eu poderia vencer mais este obstáculo do meu crescimento. Dedico também ao meu marido Eli Faria por ser parte da minha trajetória nesses anos, sempre me honrando e acreditando que eu podia tudo aquilo que eu queria, mesmo quando me sentia desestimulada ele trazia uma palavra de ânimo e conforto ao meu coração.

Dedico também as minhas amigas que me trazem alegria quando o desânimo vem pela longa caminhada, a Valdinéia Albertoni, Andréia Fernandes, Adrielia Almeida e a várias outras que estiveram comigo nesta caminhada.

Dedico aos meus queridos e amados professores que nesses longos anos estiveram comigo, me ensinaram que aprender é um caminho que você não pode retroceder e que a caminhada é árdua.

Dedico em especial ao Professor e Co-orientador Epaminondas de Matos, por acreditar que eu poderia escrever cada página desse trabalho, por confiar em mim e por deixar horas do seu tempo para poder ler e reler cada lauda. Dedico também a minha orientadora Marinei Almeida por acreditar que podíamos conseguir alcançar esse momento, pelos esforços que tem feito e por tudo mais.

Muito obrigada a todos que foram suportes no meu caminho.

AGRADECIMENTOS

À DEUS

Agradeço a Deus pela vitória que me concedeste nesta longa caminhada.

À FAMÍLIA

Agradeço aos meus pais por proverem muitas vezes subsídios para que eu pudesse concluir cada semestre. Hoje olhando para traz, sinto que tudo que batalhei eu conquistei, e que essa conquista é para eles que não tiveram essa oportunidade como eu tive, agradeço em especial a minha mãe, por cuidar de mim quando permanecia acordada até tarde mesmo sabendo que teria que acordar cedo, agradeço a ela por dizer que eu iria conseguir. Mãe sem suas palavras eu talvez não teria conseguido.

Agradeço ao meu Esposo por me dar forças quando estava cansada, trazendo palavras de amor e alegria. Agradeço pela paciência que teve comigo durante este tempo, pelos momentos que tive que escolher pela faculdade.

AOS MESTRES

Por mais que se passem anos, lembraremos daqueles que marcaram nossas vidas dedicando seu tempo e aprendizado para nos ensinar. Aos

professores do curso de Letras agradeço. Agradeço pelas discussões em sala que tivemos, pelos textos intrigantes que nos apresentavam, agradeço pelas broncas e pelos afagos, pelos momentos de risos e de confraternização. Agradeço por acreditarem que podíamos vencer mais esta etapa de nossas vidas. E agradeço em especial aos professores Epaminondas de Matos e Marinei Almeida por aceitarem esse desafio que foi me orientar. Agradeço a professora Cristina Ribeiro por ter aceitado fazer parte deste trabalho, que havia sido sonhado desde o quarto semestre por mim e por meus orientadores.

Quanto mais poros, quanto mais detalhes de vida fielmente gravados por centímetros quadrado você conseguir captar numa folha de papel, mais “literário” você será. Pelo menos, esta é minha definição. Detalhes reveladores, detalhes frescos. Os bons escritores quase sempre tocam a vida. Os medíocres apenas passam rapidamente a mão sobre ela. Os ruins a estupram e a deixam para as moscas. Entende agora porque os livros são odiados e temidos? Eles mostram os poros no rosto da vida. (BRADBURY, 2003, p. 110).

RESUMO

O objetivo ao escrever este trabalho foi repensar o espaço infantil, na contemporaneidade e em que medida esses espaços ganharam ressignificação e novos contornos nos textos literários infanto-juvenis. Para tanto, decidimos pesquisar os textos da autora Lygia Bojunga, *Corda Bamba* e *Sapato de Salto*. Assim, nosso trabalho buscou apontar nesses textos como é visto o espaço do ser infantil na sociedade contemporânea. Iniciamos nosso trabalho abordando Maria, de *Corda Bamba*, que sofre pela perda de seus pais e se envereda pelo mundo mágico do devaneio para poder conseguir entender-se e encontrar seu *eu*. Maria viajará através das janelas e portas de sua imaginação para nos desenhar sua infância. Após isso nos encontraremos com Sabrina, de *Sapato de Salto* que nos fará sofrer com tanta crueldade que ela tem que suportar para poder sobreviver. Sabrina é uma menina órfã que é levada a casa de um casal para ser adotada, mas ao chegar a casa percebe que iria ser empregada, mas, o texto vai ficando mais denso quando Seu Gonçalves, um dos personagens que devia cuidar de Sabrina, começa a ver nela não mais uma criança, mas algo que ele podia usar como diversão, e assim ele começa a abusar da menina, até sua família aparecer e começar a mudar os dias dela. Ambos textos são ricos de momentos que nos afrontam, e Bojunga aponta claramente o mundo que o ser infantil tem vivido, fazendo com que em toda sua narrativa haja um desejo de gritar e apontar as crueldades que as crianças têm enfrentado. Para podermos analisar as narrativas de Bojunga perpassamos por Aries, Bachelard, Berman, Bettelheim, autores que nos ajudaram a entender como ocorrem essa mudança dentro do espaço infantil.

SUMÁRIO

Introdução	01
1. A Literatura sem equilíbrio: o imaginário da morte em Corda Bamba, de Lygia Bojunga.....	03
1.1 E a porta se abre: um olhar pelo imaginário	09
1.2 A Viagem: confrontando a fronteira do inconsciente.....	16
2. Sapato de Salto: quebrando tabus, abrindo portas.....	43
3. Conclusão	65
4. Referências	67

INTRODUÇÃO

Ao iniciarmos este trabalho pensamos em como poderíamos caminhar por tantas narrativas riquíssimas e poder alcançar nosso objetivo. Caminhar por cada obra de Bojunga é trazer a nossa memória momentos que muitas vezes nos questionam e nos perturbam, pois a narradora ao mesmo tempo que expõe um mundo cheio de fantasias e aventuras ela também aborda o espaço social que esta sociedade está vivendo, com seus conflitos e paradigmas, e assim ela aponta com isso os ambientes que a criança está submetida. A criança sempre vista como um ser inútil no passado, hoje tem sido vista como um ser frágil que não entende ou não pode tomar decisões, todavia, Bojunga e alguns outros escritores antenados a este século, tem visto a criança em sua essência, cheia de perguntas e dúvidas, que cria e vive situações que muitas vezes não entendemos ou imaginamos.

O espaço que o ser infantil está inserido tem sido totalmente alterado por esta pós-modernidade que temos visto e vivido. A cada dia as crianças tem mostrado que elas não são mais seres que não sabem o que estão falando, mas estas estão a cada dia vivendo conflitos que adultos tem enfrentado, e essas crianças não estão prontas para isto, pois a criança ainda necessita de todo cuidado e atenção que cabe aos adultos preocupar-se, e a preparação para o amadurecimento é algo contínuo que a criança deve aprender a cada dia com a ajuda de adultos, mas que não veremos nos textos de Bojunga e é isso que nos intriga, o ser infantil precisa do cuidado que sua idade carece, mas, Lygia Bojunga nos mostrará que isso não acontece e que esta criança está aprendendo a crescer por si mesmo e por suas próprias forças. A criança não é um ser inútil, sem seu espaço, mas, sim um ser que vem crescendo e tomando seu espaço e dizendo que acredita no felizes para sempre, mas, que os felizes para sempre pode ser de várias formas.

Ao analisarmos os conflitos internos desde século e nos questionarmos quando ao mundo infantil nunca podemos esquecer do imaginário, da fantasia e estudar autores como Bachelard (1978/ 1996, p. 204 -209) em momentos que ele discute que, a imaginação imagina incessantemente e se enriquece de novas imagens e essa riqueza do ser imaginado que queremos explorar, assim

ao mesmo tempo que o autor aponta o infinito poder da imaginação ele dá ao devaneio esse espaço que pertencem os valores que marcam o homem em sua profundidade. O devaneio tem mesmo um privilégio de auto valorização ele desfruta diretamente seu ser. Bojunga ao mesmo tempo que explora fatores sociais ela desnuda com as raízes de relações, desmascarando as percepções humanas, os detrimientos sociais humanos, conjunto esses de fatores que alarga nossas perspectivas de conceitos humanos, pois o descaso infantil é perturbador e para isso nos utilizamos das psicanálises de Bruno Bettelheim (1980, p. 18) onde o autor analisa fatores internos e externos do crescimento da criança e aponta muitos episódios que intensificam nossas pesquisas como quando ele distingue que os conflitos internos sofridos pelas crianças são na maioria das vezes negados por grande parte da literatura infantil moderna, fazendo com que essa criança não tenha a ajuda necessária para enfrenta-las.

E o mesmo expõe o autor Philippe Aries (1981) ao aborda o universo infantil que a criança era submetida e como ela passou de um adulto em miniatura, para uma criança do felizes para sempre. O autor traz um contraponto interessantíssimo que é muito importante para nossa análise, pois nos questionamos a todos momento como essa criança tem crescido diante de tantas marcas e transformações estruturais familiares. Candido (2002, p. 57) discute ainda dentro dessas perspectivas como a aparência dos homens na sociedade tem revolucionado o conceito de sociedade em si e com relação ao seu meio. Dentro de cada capítulo trataremos pontos e fatores sociais que alteram a identidade do ser infantil, no primeiro capítulo do trabalho veremos a análise ligada mais ao mundo de Bachelard, ao devaneio, a fantasia, e assim veremos Maria viajando através de sua imaginação por momentos tão impares de sua infância, seu crescimento decorrerá de momentos que ela viverá confrontos consigo mesma.

Logo após no segundo capítulo encontraremos Sabrina, uma grande menina e uma pequena mulher, que em sua infância sofrerá as perdas e dores que nunca podíamos imaginar para um livro de literatura Infanto-juvenil abordar, mas Sabrina carregará um peso em seu amadurecimento que nos fará questionar a todo momento o mágico, o protetor, os valores sociais de uma sociedade. Ambas personagens carregam em si dores que podem transformar sua formação.

CAPITULO I

A LITERATURA SEM EQUILIBRIO: O IMAGINARIO DA MORTE EM CORDA BAMBA, DE LYGIA BOJUNGA

Dar à criança o gosto pelo conto e alimentá-la com narrações fantásticas, se escolhidas com discernimento, e acelerar essa maturação com manipulação flexível e lácida da realidade real-imaginário" (HELD, 1980, p.53).

Adentrar o imaginário poético de Lygia Bojunga requer compreender os mínimos elementos que compõe sua tessitura literária, repleta de símbolos, que evidenciam um universo mágico, mas, ao mesmo tempo, denso, que representa um real tanto para criança, quanto para o adulto.

Ao levantar-se a lona do circo, em *Corda Bamba*, vemos que a personagem central Maria irá sofrer até aprender a amadurecer e a crescer livre das tristezas que a acompanham pela morte de seus pais. Maria cria seu próprio mundo, em que tudo que ela vive é referenciado pelo fantástico, tudo é novo e estranho e viver a primavera de sua infância, é como pensar no desabrochar das flores, esse desabrochar simbólico como nos aponta Bachelard (1988, p. 116) é expor que a infância vê o mundo ilustrado, o mundo com suas cores primeiras, suas cores verdadeiras, o outrora aqui é que revivemos, ao sonhar nossas lembranças de infância, revivemos o mundo da primeira vez em que tudo acontece novamente. Todos os verões da nossa infância testemunham o "eterno verão". As estações da lembrança são eternas porque são fiéis às cores da primeira vez. O ciclo das estações exatas é ciclo maior dos universos imaginados.

Marcelo, pai de Maria, é equilibrista em um circo muito pobre, todavia faz seu trabalho com muita alegria até que um dia o dono do circo pede para ele andar na corda sem a rede de proteção para poderem ganhar mais público, contudo Marcelo não se sente preparado para tal façanha porque no dia anterior tivera um sonho em que o cabo estava desprendendo-se e ele caía. O sonho o assusta, levando-o a não fazer o número e, acaba desistindo da vida de equilibrista para ir trabalhar como pintor. Nessa nova vida, conhece Márcia, filha de Maria Cecília Mendonça de Melo, uma mulher muito rica, poderosa e materialista, que não aceita que sua filha namore um homem de classe inferior a dela e assim tenta de todas as formas separar Márcia de Marcelo, o que não surte efeito, pois Márcia abandona sua casa para ir morar com Marcelo no circo e trabalhar, também, como equilibrista.

Viver na corda bamba, como aponta Bojunga (2008, contracapa) é enfrentar desafios diários para sobreviver. Marcelo, Márcia e, futuramente, Maria, trabalharão nesse mundo mágico do trapézio, em que os riscos das subidas são apavoradores e, ao mesmo tempo, extasiantes, muitas vezes te fazem ter vertigem por ver aquela multidão de formigas ao olhar para baixo.

Um mundo em que ao pular para o salto tudo se transforma, transforma-se ao mesmo tempo em um mundo encantado, as luzes tomam conta de tudo, o ritmo acelerado do coração te impulsiona a ter forças de não errar e continuar e por mais que se tenha medo pelo desafio, o gosto pela emoção é infinitamente maior, porque tem-se a sensação que pode-se qualquer coisa lá de cima.

Maria nasce, conhece desde cedo a insensatez humana, sua avó, Maria Cecília, que não aceita aquela vida do circo para sua neta e a rouba ainda pequena, enquanto os pais estão trabalhando, deixando os pais desesperados sem saber o que tinha acontecido com a menina e durante três longos anos Márcia e Marcelo vivem em busca de sua filha que sumiu e não deixou vestígio e assim assumem muitas dívidas que não terão como pagar a não ser que se arrisquem mais.

O primeiro capítulo do livro *Corda Bamba*, intitula-se a *Chegada*, título proveniente do verbo chegar no particípio, indicando uma ação finalizada, traduzindo o momento em que Maria regressa a casa de sua avó, depois de seu retorno ao circo, de onde havia sido raptada. A *Chegada* para nós é um momento em que temos o prazer de ter concluído algo ou chegado onde gostaríamos de estar, todavia para Maria, a *Chegada* é o começo da história de sua vida, como um resgate da memória, para poder entender os pais, a avó, a si mesma e a realidade presente como aponta Santos¹ em seu artigo *Estética e imaginário em Corda bamba de Lygia Bojunga Nunes* (SD, p. 4). O mundo particular da criança é explorado em toda a sua potencialidade nessa obra, aqui é o início de tudo, é o lugar que ela não gostaria de estar, mas que terá que enfrentar, é o confronto com seu *eu*, é o recomeço que terá que acontecer na vida da menina para que ela possa sentir-se pronta para prosseguir sua jornada sem seus pais. Santos (SD, p. 3) ainda nos aponta que a narrativa está ora nos diálogos, ora nos pensamentos de Maria, ora nas personagens que vão nos ajudando a conhecer a história. Ao mesmo tempo que a narrativa é rápida, o texto flui sem tropeços, porque é uma narrativa instigante.

Barbuda e Foguinho, amigos de Marcelo e Márcia, que trabalham no circo, vão levar Maria até a casa de sua avó, pois eles iam partir para outra

¹ Mestranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, FFLCH-USP.
Pesquisa: Traços de modernidade nas obras de Lygia Bojunga Nunes e Alice Vieira

cidade e a avó de Maria queria que a menina fosse morar com ela. Maria Cecília sempre tratou a menina muito bem, todavia desconhece as lacunas que os sentimentos dolorosos podem causar com às experiências internas e o mundo real (Bettelheim, 1980. p. 83). A avó e a neta vivem como se estivessem em dois mundos diferentes, no artigo *Os caminhos entre o real e o imaginário em Corda Bamba, de Lygia Bojunga*, de Elaine Bezerra² e outros, apresenta que:

Partindo da relação de Maria com a avó, é possível entender como são diferentes os mundos de ambas as personagens e como é difícil para Maria se adaptar ao estilo de vida de sua avó materna. Dona Maria Cecília é uma mulher que sempre possuiu uma condição de vida abastada. Isso fez dela uma pessoa materialista, que pensa poder comprar tudo e todos com o seu dinheiro. Foi assim que ela agiu com Márcia, sua filha, ao tentar comprar Marcelo, impedindo o relacionamento amoroso dos dois. (BEZERRA E OUTROS, 2010, p.2).

Philippe Aries ao escrever sobre a criança na sociedade aborda que:

A primeira refere-se inicialmente à nossa velha sociedade tradicional; Afirmei que essa sociedade via mal a criança, e pior ainda o adolescente. A duração da infância era reduzida a seu período mais frágil, enquanto o filhote do homem ainda não conseguia bastar-se; a criança então, mal adquiria algum desembaraço físico, era logo misturada aos adultos, e partilhava de seus trabalhos e jogos. De criancinha pequena, ela se transformava imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude, que talvez fossem praticadas antes da Idade Média e que se tornaram aspectos essenciais das sociedades evoluídas de hoje. (ARIES, 1975, p. 4).

E nesse contexto, podemos, aqui afirmar que a Literatura contemporânea, retoma o pressuposto do adulto em miniatura, pois Maria é vista como um adulto em miniatura que mesmo ainda em sua pequenez é tratada como uma adulta, mesmo sofrendo, vemos em vários capítulos que sua avó não senta para conversar ou questionar atos e acontecidos, como quando Maria reprova nas provas, mesmo estudando com uma professora particular, ou com a própria professora que insiste em ser a detentora do conhecimento,

²

Graduada em Letras. Universidade Federal de Uberlândia – Instituto de Letras e linguística

diminui, assusta e desestimula a menina e em nenhum momento vemos algum tipo de conversa entre neta e vó.

Maria havia sido criada com tanto amor pelos seus pais em meio as lonas de proteção do circo que nem imaginaria que passaria por momentos em que se sentisse perdida e confusa como estava sentindo-se, as lonas eram seu lugar de conforto, de proteção, ela sabia que enquanto estivesse naquele lugar, estaria segura, pois seus pais eram seu porto, seu lugar seguro, em quem ela poderia sempre confiar, todavia agora ela sente como se as lonas tivessem sido arrancadas com brutalidade de sua vida, como se tudo aquilo que ela confiava fora destruído Bettelheim (1980, p. 259) nos aponta a relação importante que a mãe tem na vida de uma criança, mais do que qualquer outra, pois ela condiciona o desenvolvimento inicial da personalidade da criança, afetando em grande escala a visão futura da vida.

Mendonça de Melo apareceu correndo, agarrando a ponta do longo para não tropeçar. Se abaixou e abraçou Maria com força:

- Minha boneca! Que saudade. Maria meio que fechou os olhos pra não ver direito, e se encolheu toda pra dar menos lugar pro abraço. (BOJUNGA, 2008, p. 09).

Dona Maria Cecília não percebe como Maria estava desestruturada o que segundo Bezerra (2010, p. 1) Maria é apresentada como uma menina dividida entre duas realidades muito diferentes: em uma delas, ela é artista de circo, vive uma vida com regras, mas é feliz assim, junto aos pais e aos amigos; na outra, ela tem a presença marcante da avó materna, Dona Maria Cecília de Melo, que vive do luxo e na solidão e que não percebe como naquele momento Maria está debilitada emocionalmente, e que a personagem não estava pronta para tanta coisa ao mesmo tempo, e a avó, uma *socialite*, só queria ver a “boneca” dela sorrindo, festejando, entendendo assim que Maria já sendo uma menina crescida seria capaz de entender a necessidade dos outros (BOJUNGA, 2008, p. 10).

Dona Maria Cecilia deseja que Maria festeje junto com ela o aniversário de Quico que estava acontecendo quando Foguinho e Barbuda vão deixá-la na avó. A avó de Maria não sabia ainda que a menina não havia conversado sobre

o assunto da morte de seus pais com ninguém, pois ela havia se fechado em si.

Flavia de Castro Souza³, em seu artigo *Trilogia da Morte: o imaginário em Lygia Bojunga* aponta que:

A morte é certa para todos, mas cada um a vê e a sente de forma singular. As diferentes abordagens de Lygia Bojunga quanto à violência e à morte revelam como o campo no qual imergimos é amplo e complexo. As formas como essas personagens se posicionam diante da situação reflete o comportamento humano em geral. (BOJUNGA, 2009, p. 24).

Maria dormiu e dormiu e quando acordou não se lembrava da noite fatídica e de muitas outras coisas, seu inconsciente preferira deixar adormecido, pois só assim a menina não sofreria (BOJUNGA, 2008, p. 24). Fazendo um contraponto com Freud, os sonhos, segundo ele (1900, p.13), não decorrem de manifestações sobrenaturais, mas seguem as leis do espírito humano, embora este seja verdade, o autor define os sonhos como a atividade mental de quem dorme, sendo assim Freud (1900, p. 16 apud Burdach, 1838, 499) ainda nos desponha que:

Nos sonhos, a vida cotidiana, com suas dores e seus prazeres, suas alegrias e mágoas, jamais se repete. Pelo contrário, os sonhos têm como objetivo verdadeiro libertar-nos dela. Mesmo quando toda a nossa mente está repleta de algo, quando estamos dilacerados por alguma tristeza profunda, ou quando todo o nosso poder intelectual se acha absorvido por algum problema, o sonho nada mais faz do que entrar em sintonia com nosso estado de espírito e representar a realidade em símbolos.

As noites em que Maria dorme sem perceber o tempo que se passa é o alívio que sua alma e corpo buscam, pois ela não se lembra de nada o que acontece depois do incidente nos fazendo crer que ela necessitava de uma libertação de tudo aquilo que a prendia e a magoava. Perder seus pais e ver o acontecimento que lhe marcou profundamente.

Maria passou uma porção de dias sem voltar no corredor. “Ficava na janela do quarto olhando a corda [...] Muitas vezes acordou de madrugada com

³ Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

vontade de ir lá. Mas também com vontade de não ir. Não ia, dormia.” (Bojunga, 2008, p. 94)

Bettelheim (1970, p. 70) aborda que os sonhos das crianças são muito simples: desejos são realizados e as ansiedades recebem uma forma tangível, é através desse conhecimento dos sonhos e dos devaneios que podemos compreender os aspectos da vida, o autor ainda afirma (1970, p. 46) que os sonhos são o resultado de pressões internas que não encontraram alívio, de problemas que bloqueiam uma pessoa.

Maria cria seu próprio mundo em que os devaneios são as fugas dessa realidade que ela não consegue enfrentar e é na fantasia que ela se encontra consigo mesma, é através do devaneio em que o autor Bachelard (1988, p. 9) registra como sendo uma fuga para fora do real, nem sempre encontrando um mundo irreal consistente, é onde Maria se envereda, buscando no dormir uma forma de esquecer seu sofrimento, como quando ao ver a porta vermelha ela corre para seu quarto e deita-se na sua cama, cobrindo-se toda e querendo dormir para não se lembrar de mais nada (Bojunga, 2008, p. 133).

Bachelard aponta que a consciência está destinada a maiores façanhas, ela se constitui tanto mais fortemente quanto mais bem coordenada, para as obras a que se entrega (Bachelard, 1988, p. 6), sendo Maria uma criança ela se entrega totalmente a sua própria fantasia ao seu interior, ela cria e recria constantemente novos lugares, como veremos no decorrer da narrativa.

1.1 – E a porta se abre: um olhar pelo imaginário

Maria ficava um tempão na janela do quarto dela. Olhando. Olhando. Parecia até que tinha uma vista muito bonita lá fora. Não tinha: o quarto dava pra uma área interna, só se via no fundo de apartamento[...] Viu que na frente de uma janela tinha um andaime pendurado, que sempre balançava quando o vento era mais forte: viu que estavam pintando o edifício [...] Mas não se via o pintor. (BOJUNGA, 2008, p. 29-30).

O olhar de Maria era vago e sem rumo, a direção era um lugar qualquer dentro de si, e podemos perceber que quando viu o andaime, sentiu-se atraída, percebera por instantes que pintavam as paredes, sua percepção inconsciente a traria de volta a lugares que ela preferirá abandonar, porém que era inútil, pois Maria necessitava crescer e o confronto consigo mesma era presumível, a

porta vermelha era o confronto que a personagem teria que passar. Freud (1900, p.18) ressalta que todo o material que compõe o conteúdo de um sonho é derivado, de algum modo, da experiência, ou seja, foi reproduzido ou lembrado no sonho, ao menos isso podemos considerar como fato indiscutível. Mas seria um erro supor que uma ligação dessa natureza entre o conteúdo de um sonho e a realidade esteja destinada a vir à luz facilmente, como resultado imediato da comparação entre ambos, pois os sonhos ficam oculto por muito tempo os conflitos só iram confrontar Maria quando ela pouco a pouco puder enfrentá-los. Maria vê-se frente à frente com seu inconsciente que a impulsiona a se redescobrir e a se reinventar para poder amadurecer. Devemos crer que a personagem trava uma luta consigo mesma, o seu desejo não era estar na casa de sua avó e a pequena nunca imaginaria que estaria vivendo sem a proteção de seus progenitores.

Quico sonhava muito

Cada sonho lindo. Variava: às vezes era tudo preto-e-branco; às vezes era cheio de cor; às vezes, amarelos. E tinha dias que ele sonhava e acordava, sonhava e acordava tanto que ficava até sem saber quando era sonho ou não. Maria contou pra ele que, um dia, queria ir ver de perto a tal janela diferente [...] Viu Maria na janela, espiando lá pra fora. O dia estava quase nascendo, um dia muito bonito, com o céu cor-de-rosa fraquinho. Maria estava de pijama [...] Era hora do galo cantar, mas era Copacabana: **não tem** mais lugar pra quintal **nem** jardim, **não tem** mais lugar pra galo nenhum [...] Quico viu Maria sair da janela e pegar o arco de flor [...] Maria botou o arco na cadeira, foi pra baixo da cama, saiu com o rolo de corda. Desenrolou. Desenrolou. Depois enrolou tudo diferente [...] Quando a corda ficou preparada pra laçar, Maria montou na janela. (BOJUNGA, 2008, p. 47 a 49) (grifos meu).

Maria enrola e desenrola, como Penélope fazia em a Odisseia (HOMERO, 2001, p. 304) para manter-se intacta para seu esposo, Penélope tecia durante o dia uma mortalha e durante a noite ela desfazia tudo que havia feito durante o dia e assim ganhava tempo, Maria, por sua vez ,através da corda, enrola e desenrola seu objeto de fuga, ambas personagens buscam um modo de fugir de algo que lhe sobrevieram, Maria para sentir-se livre, busca a fuga e Penélope busca manter-se mulher de um único homem, Ulisses.

Neste trecho pode ser visto o encanto de Maria ao ver os outros prédios e assim a Menina percebe que pode ter sua liberdade de volta através da corda, compreendemos que além da angústia que ela carrega, ela precisa de liberdade, a liberdade que ela sentia quando subia na corda, e assim fazendo ela começa sua jornada interior.

Pode ser analisado, claramente, que a corda que Maria usará para atravessar os apartamentos e a janela é um símbolo de transformação, pois ao perceber as janelas que segundo Chevalier e Gheerbrant (2001, p. 511) são entradas de luzes e que simbolizam receptividade e se a janela é redonda, a receptividade é da mesma natureza que o olho e da consciência, essa entrada de luz se transforma na entrada para o inconsciente, a janela entre o mundo real e o mundo da fantasia em que a personagem procurará preencher seu vazio com suas histórias, modificando, assim, as lacunas que ficaram em seu ser após o trágico acidente que levou seus pais.

Bezerra (2010, p. 3) aponta que tanto a corda quanto a janela são símbolos iniciais dos "caminhos" que Maria começa a traçar para descobrir as verdades de sua vida. São elementos precursores, como se fossem um "motor" para a construção do espaço imaginário em que Maria busca desvendar os conflitos de sua interioridade, tendo como base, também, a sua própria realidade.

As palavras "não têm, nem e não tem" (Bojunga, 2008, p. 25), remetem no texto a conflitos internos que a Menina sofre, pois ela sente-se tão triste que nada lhe alegre, pois seu desejo não era de estar na casa de sua avó, quando lhe foi informado o lugar onde passaria a morar ela não gosta da ideia que a perturbada muito deixando-a cada vez mais fechada para uma nova convivência.

Segundo Bruno Bettelheim (1970, p. 13) estar exposta à sociedade em que vive, é estar pronta para enfrentar as condições que lhe são próprias, desde que seus recursos interiores a permitam, porque para a criança, a vida é frequentemente desconcertante e ela precisa ter a possibilidade de se descobrir e lidar com esse mundo complexo, como se tudo que agora a personagem infantil vivesse, a entristece cada vez mais, Maria não consegue expressar-se contra a dureza da vida e quem dirá de uma professora ditadora, pois ela se sente paralisada com todas as situações que ela tem enfrentado e

isso a desconcerta (Bojunga, 2008, p. 36 a 38), gerando na menina um descontentamento que a leva a sentir-se presa como apontaremos adiante, contudo não deixando de citar outro contraponto que Marshall Berman aborda quando este discute como a modernidade e o nosso desentendimento do mundo podem nos desestabilizar nos tirando o foco, para tanto, o autor aborda que:

O turbilhão da vida moderna tem sido alimentado por muitas fontes: grandes descobertas nas ciências físicas, com a mudança da nossa imagem do universo e do lugar que ocupamos nele; a industrialização da produção, que transforma conhecimento científico em tecnologia, cria novos ambientes humanos e destrói os antigos, acelera o próprio ritmo de vida, gera novas formas de poder corporativo e de luta de classes. (BERMAN, 1986, 10).

Berman (1986) faz uma discussão que nos reporta o quanto essa modernidade, esse meio social que vivemos e que Maria vive tem transformado os conhecimentos e os ambientes, Maria e, posteriormente, Sabrina são nosso apontamento como esse espaço infantil tem-se modificado, vemos claramente como ambas personagens são caracterizadas em seu meio social pelas lutas e as preocupações que sofrem mesmo ainda tão jovens.

Maria sobe na corda e é sua primeira jornada para fora, ela decide que a corda seria seu calçadão para sentir o coração bater emocionado, como quando vivia no circo nas aventuras do trapézio em que a lona escondia o mundo maravilhoso que qualquer criança poderia desejar, a corda para Maria era a única oportunidade que ela teria para alcançar o outro lado dos prédios, para alcançar o seu interior, suas memórias até então esquecidas e Maria tem a oportunidade de desvendar através das janelas, novos lugares, o seu lugar secreto.

A corda está representada com o desejo de subir como nos aponta Bezerra (2010, p. 2), sendo assim a corda é a passagem do plano da realidade para o plano fantástico, podendo ser considerada como uma representação de ataduras, limitação ou liberdade infinita, dependendo do contexto no qual se encontra, representa o meio, estando também ligada à ascensão, a uma espécie de vínculo; neste simbolismo há o desejo de virtudes secretas ou mágicas. Para a menina, cada porta era somente uma porta e a janela somente

uma janela, nada até então havia de estranho a não ser o casal que estavam conversando e que desaparecerá depois de ter virado para traz, e que Maria não os vê mais.

Além da corda que serviria como sua rota de fuga, as janelas e as portas mostram o mundo em que Maria podia se esconder e se reencontrar, as janelas seriam a abertura para este mundo de fantasia e as portas a entrada para o mundo de Maria, a abertura ideal para seu *eu* interior, a fuga para fora do mundo real como nos expõe Bachelard (1988, p.9), que é através da imaginação das portas que Maria mergulha em um devaneio em que o autor aponta como o devaneio poético em que ele nos dá o mundo dos mundos. O devaneio poético é um devaneio cósmico, é uma abertura para um mundo belo. Dá ao eu, um não-eu que é o bem do eu: o não-eu meu. É esse não-eu meu que encanta o eu do sonhador e que os poetas sabem fazer-nos partilhar, assim como quando Maria já forte em si, passa a abrir as portas sem medo e a criar seus próprios sonhos, seus próprios desejos, ela começa a recriar-se, a crescer “desembarcava no andaime, pulava pro corredor comprido, às vezes abria uma porta só, às vezes duas ou três, variava o jeito de acostumar” (Bojunga, 2008, p. 139).

Os ritos de passagens do amadurecimento infantil em que Bojunga nos aponta em Maria e Sabrina e vários outros personagens de suas histórias são muito importantes para que elas cresçam e desenvolvam-se de modo saudável. De acordo com Ludmila Oliveira dos Santos, em seu artigo *Na corda Bamba: o espaço da criança na obra de Lygia Bojunga* (2006, p. 10), esses rituais de passagens são os percursos por onde a criança terá que passar, são caminhos em que ela terá que se descobrir e por meio da experiência cotidiana e dos jogos simbólicos ela poderá concluir a passagem da infância para outras etapas das exigências sociais. Para Santos (2006, p. 11) esses ritos de passagens, para nossa sociedade, não fazem muita diferença, mas que em culturas como a dos índios e dos africanos são celebradas várias festas para demonstrar que aquela criança já não é mais uma criança e está pronta para ser um adulto, a autora também afirma que esses rituais são acima de tudo maleável e criativo, utilizada para várias finalidades, inclusive, proteger ou preparar a criança da angústia e da ameaça do desconhecido.

Para Bettelheim (1970, p. 14) os contos de fadas procuram transmitir uma mensagem para as crianças, visto que a luta contra as dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana, mas que se a pessoa não se intimida, mas se defronta de modo firme com as opressões muitas vezes injustas, ela dominará todos os obstáculos, e por mais que as pequenas sofram elas encontram o modo de fuga necessário para sua transição. Bettelheim, ainda aborda que:

Para dominar os problemas psicológicos do crescimento, superar decepções narcisistas, dilemas edípicos, rivalidades fraternas, ser capaz de abandonar dependências infantis; obter um sentimento de obrigação moral, a criança necessita entender o que está se passando dentro de seu inconsciente[...] e na criança e no adulto o inconsciente é um determinante poderoso contra o comportamento [...] (BETTELHEIM, 1970, p. 16).

A partir do capítulo *Aula particular*, o leitor pode sentir com mais intensidade a pequena Maria iniciando sua jornada, o capítulo conta com uma personagem estranha, a professora Eunice e seu grande cachorro que adora se instalar em baixo da mesa durante as aulas, um movimento e começa toda a algazarra de latidos altos, o que faz com que Maria preste mais atenção aos seus pés que adormecem do que na aula.

Elaine Bezerra (2010, p. 2) aponta-nos a estranheza que Dona Eunice causa enquanto professora, pois ela usa de uma relação de hierarquia mantendo-se rígida com Maria durante toda aula, não se importando se a menina aprende devidamente o que ela ensina, sendo que tal relação representa a autoridade vivenciada pelo universo adulto sobre o universo infantil. A gaiola em que o canário está e que Maria fica olhando é uma representação da prisão que ela sentia durante aquele tempo permanecido com Dona Eunice.

Bojunga descreve na narrativa os símbolos como pequenos detalhes que o autor vai se fixando, abrindo caminhos para compreendermos melhor os sentimentos da Menina. Maria sente-se apreensiva em todo tempo, pois a professora causa-lhe muito medo, medo este que a menina não conta para ninguém, talvez por medo de não saber se expressar, ou talvez por própria opressão que o indivíduo adulto tem sobre o infantil.

Lá pelas tantas a mão de Dona Eunice apertou a mão de Maria.

-Quer fazer o favor de prestar atenção, Maria? [...]

-Presta atenção! [...] O pé tocou o rabo do cachorro. Pronto! Ele se levantou num pulo, latindo-latindo. Mais que depressa, Maria encolheu a perna, o coração todo assustado [...] O canário na gaiola cantou; Maria olhou; [...] Quando Dona Eunice sacudia o braço daquele jeito é porque estava meio sem paciência, era melhor escrever logo uma coisa, mas o quê? [...] (BOJUNGA, 2008, p. 54-57).

Maria nos apresenta a professora particular que sua avó contratou para lhe dar aulas, porque ela estava muito atrasada nos estudos pela sua idade, todavia nos surpreendemos com Dona Eunice, porque temos como imaginação que os professores além de grandes transmissores de conhecimento, são os precursores do poder da imaginação, são eles que nos apontam para onde irmos ao imaginarmos, ao viajarmos, todavia não era assim para a personagem, que se sente tão aterrorizada com a brutalidade de sua professora e seu estimável cachorro rabugento que não larga de dona Eunice em nenhum momento, fazendo com que Maria sinta-se retraída, desestimulada de estudar, seu medo, seu estado de espírito é inimaginável e, ao mesmo tempo, palpável. Maria, como qualquer um de nós, não teria o poder e nem a capacidade do aprendizado naquele estado de insatisfação, pois a professora não lhe permite a abertura do aprendizado, fazendo com que Maria perca sua liberdade, sua disposição e assim, recolha-se em si mesma.

Encolheu de novo a perna. Já não estava mais aguentando a dormência. [...] – Mas será possível, Maria?! Quantas vezes eu já disse pra você não se assustar desse jeito? Ele não morde, ele não morde, só late, é uma mania que ele tem, eu já expliquei! [...] Maria estava paralisada; nem piscava mais: quem sabe não piscando a língua também não mexia? Dona Eunice levantou; o cachorro levantou também. (BOJUNGA, 2008, p. 61 a 63).

As aulas de Maria são momentos vazios como nos aponta Ludmila Oliveira dos Santos (2006, p.50), nem havia comparação com o que Maria vivia no circo e como tudo o que acontecia ao redor lhe tirava a atenção, a professora irritava-se cada vez mais. Assim, Santos (2006) nos expõe que:

Para Maria é muito mais fácil se equilibrar em uma corda bamba do que atender às expectativas da professora e superar sua frieza. Principalmente porque os conteúdos lhe são apresentados de forma distante de suas experiências, sua educação informal é completamente descartada. No entanto, a educação informal também é um processo de aprendizagem válido, embora não reconhecido. É nesse processo que se acumulam experiências, atitudes, valores, conhecimentos e influências da família, da comunidade e de todos os ambientes pelos quais se transita. (SANTOS, 2006, p. 50).

As aulas de Maria são, de certa forma, momentos que a martirizam e a machucam, pois a personagem sofre um tipo de violência psicológica vinda da professora, como aborda Santos (2006, p. 51), o cão de dona Eunice é um dos responsáveis pelos momentos das aulas de Maria, pois o cão é tão apegado a ela que parece ser um cachorro personalizado, ele vive uma vida repetida, vive como se vivesse a vida de sua dona, sem liberdade, “Dona Eunice levantou; o cachorro levantou também”. (Bojunga 2008, p. 61 e 63). Quando o despertador toca avisando que é o fim da aula, é um alívio para Maria que pode respirar a liberdade de menos um dia.

1.2- A Viagem: confrontando a fronteira do inconsciente

(...) em todas as literaturas, a viagem simboliza, portanto, uma aventura e uma procura, quer se trate de um tesouro ou de um simples conhecimento, concreto ou espiritual” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2002, p.952).

O próximo capítulo da obra, será o início da viagem de Maria em busca de sua liberdade, ele inicia-se com o nome: *Márcia e Marcelo*, é o capítulo que Maria reencontrará com seus pais, confrontará momentos, todavia são momentos de quando ela, ainda, não era nascida, mas que através do devaneio e das portas ela terá a oportunidade de conhecer o que seus pais enfrentaram para ficar juntos. Santos (SD, p. 4) ressalta que os títulos representam com precisão o assunto a ser tratado nos capítulos, e concentram

no verbal o foco temático destes. A narrativa capta os pensamentos das personagens, o imaginário da criança de forma exata, precisa, sem excessos, com imagens visuais nítidas.

Pegou o arco e saiu pro calçadão. Não sentiu mais medo, não tremeu nem nada. E foi achando tão bom lá em cima, o passeio, tudo, que quando viu já tinha passado a janela diferente sem nem ter lembrado de olhar. [...] viu um rapaz deitado, se assustou: não estava esperando encontrar ninguém; perdeu o equilíbrio, sentiu que ia cair; [...] mas o rapaz não se mexeu: estava dormindo. [...] O rapaz era igualzinho ao pai dela, só que mais moço. Usava um macacão sujo de tinta, boné e sapato de lona. Maria mal podia respirar de tão emocionada. Foi se ajoelhando ao lado do rapaz: queria ver mais de pertinho como ele era igual ao pai. [...] “Oi! Corda!” e só de ouvir a voz o coração deu um esbarrão no peito e ela toda se virou [...] tinha uma moça debruçada na janela, igualzinha à mãe dela, rindo pra ela! E aí Maria riu também de tão contente. E levantou. E chegou junto da moça, pra abraçar, pra falar, pra – mas, ué!, a moça não via ela. Estava rindo era pro rapaz; era pro rapaz que estava dizendo: “Acorda!”. (BOJUNGA, 2008, p 69-70).

Esses capítulos da narrativa são os mais nostálgicos, pois nos encontramos com a infância de Maria e como tudo começou Maria ao subir pela primeira vez na corda após a morte de seus pais, sente um grande alívio uma liberdade que ela não vinha sentindo por sentir-se amarrada a momentos que aconteceu no seu passado, e quando ela sente novamente a liberdade de outrora é como se ela pudesse mergulhar em si, transcender, viajar para fora da jaula que a enclausurava. E é quando em sua libertação ela reencontra-se com seu pai, todavia neste momento ele ainda era um rapaz e que também estava fugindo de seu passado, “a corda”, ambos personagens encontram-se frente a frente, todavia somente Maria tem o poder para visualizar a cena, pois fora criada por seu imaginário, por seu desejo de rever a quem ela tanto amava.

Para Santos este momento é onde Maria interagirá com seu imaginário, fundindo real e imaginário e abrindo brecha para um futuro que neste momento era incerto.

O imaginário de Maria interage com a vida real. Ela transita pelo passado, presente e resvala no futuro. A autora passa de

um plano a outro, real e imaginário, sem explicações, sem didatismos. No plano da ficção, as noções de tempo e espaço ganham novas dimensões. Estas só podem ser reveladas por um olhar de descoberta, nascido das infinitas possibilidades de leitura que esta obra literária e a própria literatura possibilitam. (SANTOS, SD, p.5).

Bachelard (1978, p. 261) aponta que a imaginação põe sempre um estímulo em todos os nossos sentidos, a atenção imaginante prepara nossos sentidos para o instantâneo. Maria sentia-se tão feliz com tudo que estava vendo naquele momento, pareciam seus pais dizendo a ela, o coração dela alegrava-se com aquele momento de tal forma que nem ela sabia explicar, ela buscava tanto um lugar amigo, um lugar onde pudesse sentir-se feliz como antes, que nem perceberá o que lhe ocorria ao seu redor reencontrar com seus pais naquele lugar nunca havia sido imaginado por ela, mas estava acontecendo, o que era irreal estava à frente de seus olhos. Bachelard, em seu livro *Poética do Espaço* explica-nos essa importância de buscarmos no inconsciente um lugar de proteção, e assim ele expõe que:

Os valores de abrigo são tão simples, tão profundamente enraizados no inconsciente, que os encontramos mais facilmente por uma simples evocação do que por uma descrição minuciosa [...] A casa, o quarto, o sótão em que estivemos sozinhos, dão os quadros para um devaneio interminável, para um devaneio que só a poesia poderia, por uma obra, acabar, perfazer. Se damos a todos esses retiros sua função que foi abrigar sonhos, podemos dizer, como eu indicava no livro anterior, que existe para cada um de nós uma casa onírica, uma casa de lembrança-sonho, perdida na sombra de um além do passado verdadeiro [...] É no plano de devaneio e não no plano dos fatos que a infância permanece viva em nós e poeticamente útil. Por essa infância permanente, mantemos a poesia do passado. (BACHELARD, 1978, p.114-115).

Assim, para Maria, as janelas, portas e quartos são seu esconderijo, um lugar em que ela pode se encontrar, que seu próprio inconsciente criará para que ela pudesse relembrar de como era feliz e como ela ainda podia ser feliz deixando o que passou para trás e seguindo em frente, todavia agora com uma ajuda particular que somente ela conhecia, que era seu mundo mágico. Rever seus pais naquela idade foi confuso no início, pois como Maria podia lembrar-se de coisas que ela não havia vivido, porque nem havia nascido? E é nesse

momento que o maravilhoso trabalha, que o mundo do devaneio abre as portas para que ela pudesse transitar sem empecilhos pelos dois mundos e Bachelard (1996, p. 12-18) assinala dizendo que a imaginação tenta um futuro, a princípio, é um fator de imprudência que nos afasta das pesadas estabilidades e que pela imaginação, graças às sutilezas da função do irreal, reingressamos no mundo da confiança, no mundo do ser confiante, no próprio mundo do devaneio.

Veremos que certos devaneios poéticos são hipóteses de vidas que alargam a nossa vida dando-nos confiança no universo, e assim Maria poderia voltar a este mundo cada vez que se sentisse pronta para reviver suas lembranças. E assim a personagem fazia, quando ela entrou no apartamento procurando Márcia e Marcelo após ouvir eles conversando sobre suas diferenças sociais, mesmo assim rindo, não os viu mais, somente viu naquele lugar portas, portas de várias cores e com vários significados que segundo Chevalier e Gheerbrant (2001, p. 743-735) as portas possuem um significado de passagem, que convida a atravessá-la, é o convite da viagem rumo ao além, em outras palavras, muitas vezes podem significar a passagem da vida e da morte.

A representação da porta segundo Freud pode ir além, as janelas e portas, com ou sem aposentos, assumem o significado de orifícios do corpo. E a questão de um aposento estar aberto ou fechado se adapta a este simbolismo, e a chave que o abre é decididamente um símbolo masculino, todavia Souza faz um contraponto apontando que o amadurecimento que a personagem tem que enfrentar é muito mais que sexual, é muito mais profundo, é um enfrentamento consigo mesmo, e assim a autora aborda que:

O amadurecimento das personagens e dos leitores torna-se, de certa forma, uma condição para o enfrentamento do texto literário, pois, na mesma medida em que isso ocorre, as obras se ampliam e se aprofundam no tratamento de temas delicados e *tabus*. (SOUZA, 2009, p.13).

Maria é uma criança, mas já é vista como uma adulta pronta para enfrentar suas responsabilidades, seu amadurecimento torna-se muito rápido a partir do momento que ela é posta para os enfrentar, e estar frente as portas

que confrontam com seu eu, ela sente-se cada vez mais confusa com tudo que ela vê e vive.

[...] O coração de Maria começou a pular; ela saiu do canto do andaime, sentindo medo até de pisar. A janela era alta; teve que ficar na ponta do pé pra espiar. Não. Não era fundo, nem era sala nem quarto. Era um corredor comprido com seis portas fechadas. A cada porta de uma cor. O corredor estava vazio; nem sinal de moça e do pintor. E um silêncio que só vendo. Maria ficou olhando pras portas, achando que seria melhor voltar pra casa. Mas, em vez de ir embora, se agarrou na beirada da janela, impulsionou o corpo e pulou para dentro do corredor. Num instantinho se arrependeu: [...] parecia que atrás das portas era que nem o corredor: quieto e sozinho. Parou na frente da porta vermelha, que medo de abrir! Mas que vontade de ver o que tem lá dentro. Rodou a maçaneta: a porta estava trancada. Olhou pra porta branca, será que estava trancada também? [...] tomou um bruto susto quando viu a porta se abrir. Era um quarto enorme; prata, espelho e cristal por todo lado... (BOJUNGA, 2008, p. 80-81).

Maria estava excitada com tudo que vira, mas não ouvia mais a voz de seus pais, um desejo crescia cada vez mais como uma chama dentro de seu ser. Quando ela abre a primeira porta branca, depara-se com sua primeira lembrança da imaginação, apontamos como lembrança da imaginação porque neste tempo Maria não havia nascido e tudo que ela vive nos primeiros quartos são símbolos, momentos que a memória de Maria reconstitui, “fantasia” para poder enfrentar os momentos difíceis que logo virão. Maria encontra-se com um passado por ela nunca visto, mas que pelo poder da fantasia, ela poderá vivenciar e entender como foi o passado de seus pais e o que sua avó fez para separar o casal. Apesar de Maria ser muito pequena para entender certas coisas, ela as vive e podemos perceber durante a narrativa que ela não culpa a avó pelos problemas causados no passado, mesmo quando ela abre a porta em que vê sua avó a roubando, a pequena não tenta colocar a culpa em sua avó por suas dores. Segundo Bachelard (1988) o devaneio nos põe em estado de alma nascente, é através do devaneio que Maria tem a oportunidade de se redescobrir e de vencer a luta travada pelo seu próprio inconsciente para crescer.

O devaneio cósmico, tal como o estudaremos, é um fenômeno da solidão, um fenômeno que tem sua raiz na alma do

sonhador. Não necessita de um deserto para estabelecer-se e crescer. Basta um pretexto — e não uma causa — para que nos ponhamos em "situação de solidão", em situação de solidão sonhadora. Nessa solidão, as próprias recordações se estabelecem como quadros. Os cenários dominam o drama. As recordações tristes adquirem pelo menos a paz da melancolia. (BACHELARD, 1988, p. 18-19).

Maria vai abrindo as portas e assim vai dando espaço para ser cuidada e trabalhada, mesmo sem perceber a pequena está sendo tratada no seu íntimo pelo choque que havia sofrido quando perde seus pais. Maria é somente uma criança, todavia seu lugar de significação social fora alterado, sem talvez ser percebido esse novo ser, essa nova criança inserida no contexto social é um ser amadurecido e muito provável que antes do seu tempo. O que queremos levantar com isso é o lugar social em que Bojunga aponta para esta criança que se tornou um adulto, dentro do contexto da pós-modernidade, que Berman (1986, p.12) aponta que é absurdo, mas nada é chocante, porque todos se acostumam a tudo. Este é um mundo em que “o bom, o mau, o belo, o feio, a verdade, a virtude, têm uma existência apenas local e limitada” e assim o autor ainda aborda que:

Logo, a classe dos “novos homens”, homens que são legitimamente modernos, conseguirá absolver as contradições da modernidade, superar as pressões esmagadoras, os terremotos, as misteriosas distorções, os abismos sociais e pessoais, em cujo interior todos os homens e mulheres modernos são forçados a viver. (BERMAN, 1986, p.14).

Bojunga vem apontando, em suas narrativas, desde muito antes de *Corda Bamba e Sapato de Salto* que a criança não é mais aquele ser infantilizado que só pensa em brincadeiras o tempo todo e que não compreende o mundo do adulto, apesar de ser forte, a linguagem bojunguiana, nos leva a pensar que essa criança realmente está neste novo espaço de significação, pois sempre cremos nela, no conto de fadas e no felizes para sempre, todavia, Bojunga desmistifica toda linguagem infantilizada que alguns textos infantis trazem e aborda uma criança vista de outra forma, uma criança que vive em meio ao mundo adulto, que compartilha dos impasses desse mundo, porém que muitas vezes é diminuída por sua tenra idade.

Assim, como Philippe Áries (1978, p. 4) aborda quando nos reporta que a passagem da criança pela família e pela sociedade era muito breve e muito insignificante para que tivesse tempo ou razão de forçar a memória e tocar a sensibilidade, em outro contexto de ressignificação essa criança passa a ter responsabilidades que não lhe cabia, essa criança passa a ter seu espaço ou a lutar por ele, apesar do medo do mundo dos adultos ela tem que lutar para crescer e assim cresce muito rápido e muitas vezes como Sabrina, não sabendo o que fazer, somente que tem que lutar. Áries reporta que:

A transmissão dos valores e dos conhecimentos, e de modo mais geral, a socialização da criança, não eram portanto nem asseguradas nem controladas pela família. A criança se afastava logo de seus pais, e pode-se dizer que durante séculos à educação foi garantida pela aprendizagem, graças a convivência da criança ou do jovem com os adultos. A criança aprendia as coisas que devia saber ajudando os adultos a fazê-las. (ARIES, 1978, p. 4)

De acordo com Arruda e Muller, no artigo *A ressignificação e a participação infantil: um estudo com crianças da Vila Emília na cidade de Maringá* (2010, p. 2, apud Paula 2010,) abordam que:

As crianças diferenciam-se da lógica dos adultos em suas formas de pensar, imaginar, falar, agir, de se relacionar e de se expressar. Assim, elas interpretam e agem de maneira diferente no mundo, transformando a organização e a estrutura da realidade em que vivem. As crianças em suas práticas lúdicas e relações sociais ressignificam o mundo a sua volta, dando outros sentidos as situações que vivenciam no cotidiano. A partir do que é dado e imposto pelo mundo adulto, elas buscam reconstruir a sua realidade. Nesse sentido, as crianças não aceitam e reproduzem a cultura adulta como uma cópia, mas a modificam e dão a sua “cara”, reinventando do seu jeito, a sua cultura.

A personagem Maria muda suas respostas a cada dia, podemos perceber durante toda a narrativa como ela se coloca frente as coisas que estaria para enfrentar, assim como ela se colocava frente as portas e puxava as maçanetas. Para Bachelard (1978, p. 205), puxar a maçaneta não é somente isso, para ele há muita psicologia numa simples fechadura de um desses móveis, pois trazem consigo uma espécie de estética do escondido, é como se a pequena dissesse que podiam vir as lembranças escondidas, que

poderiam vir com todo seu garbo que ela enfrentaria. O medo de Maria não vinha do exterior e nem era feito de lembranças, mas era o seu próprio ser que lutava contra si, as dúvidas de onde poderia se refugiar, com quem ela poderia contar suas incertezas, Maria vinha guardando tudo para si, somente ela sabia o que estava passando, as portas, naquele momento, era seu refúgio, mas será que Maria já estava pronta para elas?

A seu tempo, a menina se reencontraria e iria poder seguir sua jornada ao conhecimento de si, pois marcas profundas foram deixadas em seu passado. Bachelard (1978, p. 209) aponta que ao devaneio pertencem os valores que marcam o homem em sua profundidade, assim como aconteceu com Maria. O devaneio tem mesmo um privilégio de autovalorização, ele desfruta diretamente seu ser, a porta branca havia significado muito para a menina, ela mantinha tudo aquilo em seu íntimo e trazia imagens repensando se era real. O branco para Chevalier e Gheerbrant (2001, p. 141) é muito mais que a nossa simples consciência pode descrever, para os autores o branco da porta significava além da ausência de cores, a soma de todas elas, assim podendo colocar-se no início ou no fim da vida diurna do mundo manifesto, em ambos os casos os autores abordam que o branco é o valor limite, sendo uma cor de passagem nos quais se operam as mutações do ser; a morte e o renascimento, o branco pode também simbolizar o silêncio absoluto, que transborda as possibilidades vivas.

O relógio da penteadeira bateu hora de levinho. Já devia ser tarde; quem sabe já era hora até do café? Maria correu pro corredor. Mas quando passou pela porta vermelha, parou: Que sabe agora ia dar pra entrar? O coração bateu forte; experimentou a maçaneta devagarinho. A porta continuava trancada. Mas dentro tinha gente falando. Maria colocou o ouvido na porta pra escutar melhor; eram Márcia e Marcelo conversando: - Marcelo eu quero que você volte pro circo. E quero aprender a andar na corda bamba também. Me ensina? [...] tá bom, eu te ensino. Ficaram quietos de novo. Maria bateu na porta, quem sabe eles ouviam e abriam [...] Maria se virou para sair; o olho bateu na porta amarela. Veio uma vontade tão grande de ver o que é que tinha lá dentro que Maria não resistiu: saiu correndo e abriu a porta. (BOJUNGA, 2008, p. 86 a 89).

O tempo para Maria era representado pelo relógio, assim como a janela, pois é através do relógio que Maria sentia que o tempo passava e ao olhar

através das janelas dos prédios ela via vividamente o tempo se perdendo, talvez um tempo que se foi e que não voltaria, as horas que se iam e que estavam perdidas, talvez com coisas inúteis podia pensar a menina; como nas suas aulas que para ela, era sem significância, ou talvez no tempo que se sentia solitária depois de seus amigos a terem deixado, ao mesmo tempo que tudo parecia longo (batendo de levinho), era escasso.

O próximo capítulo, caracterizado pela porta amarela, é *O Barco*, em que trará uma lembrança peculiar que é o nascimento de Maria e como seus pais batalhavam para poder cuidar dela, essas lembranças de Maria são um emaranhado de histórias que ao mesmo tempo que conta sua vida na infância a descrevem interiormente, como ela era amada por seus pais. Bezerra (2010) descreve esse momento, apontando que:

Quando Maria adentra a porta de cor amarela, é como se ela abrisse a portados seus sentidos, todos eles de uma só vez. Ao sentir o vento tocar seu rosto, emaranhar seus cabelos, o cheiro do mar e os pés afundando na areia, Maria sente uma alegria desmedida, uma felicidade imensa que toma conta de todo o seu ser. Ela se sente viva e toma consciência disso de uma maneira muito bonita: vendo seu próprio nascimento. Seus pais estão ali, dentro de um barco enorme e dando a ela o presente mais valioso de todos: a vida. (BEZERRA, 2010, p. 3).

Maria via seus pais e não conseguia acreditar, os sentimentos que nasciam a cada porta eram sentimentos nunca experimentados antes, a porta amarela trazia sua intensidade significativa por sua cor. Uma vez que para os autores Chevalier e Gheerbrant (2001, p. 40) o amarelo é uma cor intensa, violenta que descortina a verdade que dói, aguda até a estridência, ao mesmo tempo amplo e cegante como um fluxo de metal em fusão, sendo o amarelo a mais quente, e a mais expansiva, a mais ardente das cores, sendo difícil de atenuar, mas que extravasa sempre os limites, os autores ainda registram que o amarelo é a cor da eternidade, eternizando também os sentimentos de Maria com seus pais. O amarelo da porta é caracterizado como o sentimento e os desejos da personagem no momento em que “Marcia estava esperando bebê. Maria já não conseguia mais ficar quieta de tão alegre; que coisa linda era aquela que já estava”. (Bojunga, 2008, p. 91).

Maria foi escorregando pro chão; tanta alegria assim deixava ela até confusa, agora tinha vontade de chorar. Caiu na areia. De perna mole até. Só levantou quando ouviu a vela mudando de lado [...] Márcia e Marcelo estavam segurando a criança que tinha acabado de nascer [...] o vento começou de novo (não tão forte como antes), e o barco foi indo embora [...] devagarinho, um medo foi chegando: eles estavam indo embora, a vida agora era dela [...] o barco já ia no canto do quarto. E aí deu uma guinada e sumiu. (BOJUNGA, 2008, p. 93).

Chevalier e Gheerbrant (2001, p. 121) pontam a barca como o símbolo da viagem, de uma travessia realizada seja pelos vivos, seja pelos mortos, os autores também apontam que sendo a vida presente uma jornada perigosa a barca pode torna-se um símbolo de segurança, favorecendo a travessia da existência. Podemos notar como Maria se apropria do símbolo do barco como forma de reconforto, como se ela fizesse uma viagem para onde seus pais estavam, mesmo o barco sendo de papel como nos mostra a narrativa, e sendo através dessa viagem que ela pode reencontrar seus pais na sua infância, a vela por sua vez pode significar o rumo que a vida toma, porque através do vento que a vela e o barco são controlados.

O vento balança tão forte que leva o barco para longe de Maria. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2001, p. 935) dentre tantos simbolismos o vento tem o significado de instabilidade, de inconstância, mas também podem significar algo divino como de dar a vida, quando aparecem em sonhos anuncia que algo importante está para acontecer, mudanças surgirá. Maria vê uma ventania tão grande e depois uma não tão forte, capaz de empurrar o barco para longe dela, as mudanças estão acontecendo, é como se a ventania trouxesse de volta seus medos escondidos, aquilo que ela estava lutando para não enfrentar estava chegando, e quando a menina percebe que seus pais se foram junto com o barco, ela vê-se sozinha novamente, todavia o texto expõe que “a vida agora era dela”, ela já estava começando a entender o que estava acontecendo.

Cada porta é um novo caminho, um novo reencontro, e uma despedida. Maria despede-se do seu passado que a machuca para dar espaço para um passado que ela pode enfrentar e aceitar, as portas dão essa oportunidade de reencontro para a menina. Para Bachelard, a porta é todo um cosmos do entreaberto, para tanto ele expõe que ela é:

A origem de um devaneio onde se acumulam desejos e tentações, a tentação de abrir o ser no seu âmago, o desejo de conquistar todos os seres reticentes. A porta esquematiza duas possibilidades fortes, que classificam claramente dois tipos de devaneios. Às vezes, ei-la bem fechada, aferrolhada, fechada com cadeado. Às vezes, ei-la aberta, ou seja, escancarada. (BACHELARD, 1978, p. 351).

O amadurecimento de Maria torna-se, de certa forma, o seu enfrentamento, Maria ainda não aceita que está sem seus pais, por isso algumas portas ainda não se abriram, as mudanças do estado de sua personalidade são condicionadas a seu sofrimento, hora feliz, hora triste, hora distraída, ela está enfrentando uma travessia para o amadurecimento.

Maria passou uma porção de dias sem voltar no corredor. Ficava na janela do quarto olhando a corda, o andaime, lembrando a cor de cada porta, pensando no que ela já tinha visto, que mais que ela ia ver? Muitas vezes acordou de madrugada com vontade de ir lá. Mas também com vontade de não ir. Não ia, dormia. Duas vezes pegou o arco pra sair. Mas quando já ia saindo, mudava de ideia, ficava. Até que uma terça-feira de manhãzinha pensou: quem sabe tudo quanto é porta está aberta? [...] andou devagar para a porta vermelha. Parou; escutou. Ouviu Márcia e Marcelo falando: [...] a gente vai sempre trabalhar com rede embaixo, não vai? Sempre. Não falaram mais. Maria experimentou a porta com força: queria tanto ver os dois! Não conseguiu abrir. Bateu, chamou, esperou. Nada. [...] mas aí começou a ouvir-fraquinho-gente batendo palma [...] o barulho vinha da porta cinzenta. Andou pra porta sentindo o cheiro do circo e uma alegria danada de ver o barulho [...] mas quando ia abrindo a porta o barulho parou. (BOJUNGA, 2008, p. 94-95).

Maria vive uma busca continua, por vezes sente um grande desejo de descobrir mais coisas sobre o que está acontecendo e por vezes tem medo de vivê-las, assim como quando ela tenta abrir as portas que ainda não se abriram, é como se ela buscasse viver episódios em sua vida que ainda não chegaram o tempo, como se através do seu querer ela tentasse pular fases do seu amadurecimento sem mesmo perceber, todavia as portas não obedecem ao desejo da menina, e sim ao seu caminho, por mais que ela deseje abrir a porta vermelha desde o primeiro momento que ela viu as portas, a porta vermelha é o lugar de embate contra si mesmo e é necessário que ela viva outros momentos da vida, para assim poder abrir a porta. Maria, por mais que

se concentre em tudo que estava acontecendo, sentia que aquelas coisas que estava vendo de alguma forma a afetava e a retirava de seu lugar de conforto, aquilo a fazia se questionar e duvidar de sua coragem, ao ouvir o barulho de aplausos que relembram o circo, ela é capaz de sentir o cheiro do ambiente, o devaneio a traz de tal forma ao seu antigo mundo que ela pode sentir o cheiro do espaço que viverá, que ficará gravado em sua mente. Bachelard aponta que:

O devaneio não conta histórias, mas que existe devaneios tão profundos que segundo o autor ajudam a descer tão profundamente em nós mesmos que nos desembaraçam da nossa história. Libertam-nos do nosso nome. Devolvem-nos, essas solidões de hoje, às solidões primeiras. Essas solidões primeiras, essas solidões de criança, deixam em certas almas marcas indelévels. (BACHELARD, 1988, p. 98).

Ao afirmar que o devaneio pode ser tão profundo que podem trazer o desembaraço a nossa história, o autor Bachelard (1988) nos envolve no mundo da menina Maria, porque Maria necessita de alguma forma, se encontrar, livrar-se das obscuridades que recobrem seu passado, e somente através do devaneio, do sentimento de profundidade que ela é capaz de encontrar-se e vivenciar o seu passado, o mundo mágico que Maria descobre é tão significativo para seu crescimento que ela nem percebe que aquilo tudo pode leva-la ao confronto, que seu inconsciente preferiu esquecer. Bachelard (1988) aborda que a própria infância conhece a infelicidade pelos homens e expõe que na solidão, a criança pode acalmar seus sofrimentos, para tanto ele ainda diz que:

Ali ela se sente filha do cosmos, quando o mundo humano lhe deixa a paz. E é assim que nas suas solidões, desde que se torna dona dos seus devaneios, a criança conhece a ventura de sonhar, que será mais tarde a ventura dos poetas. Como não sentir que há comunicação entre a nossa solidão de sonhador e as solidões da infância? E não é à toa que, num devaneio tranquilo, seguimos muitas vezes a inclinação que nos restitui às nossas solidões de infância. (BACHELARD, 1988, p. 94).

Maria talvez esteja sentindo-se perdida, confusa em seu *eu* interior, pois está vivendo tantas coisas sem poder conversar com ninguém, a Menina busca através dessa solidão tão vivenciada uma forma de ultrapassar os obstáculos,

mas inconscientemente, pois Maria é uma criança para entender que aquela solidão a estava ensinando crescer.

A porta cinzenta para Chevalier e Gheerbrant (2001, p. 248) são momentos de intensa dor, os autores apontam que os hebreus cobriam-se de cinza para exprimir uma intensa dor, entre nós, o cinza é uma cor de luto aliviado. A grisalha de certos tempos brumosos dá uma impressão de tristeza, de melancolia, de enfado. Bachelard (1988, p. 74) aponta que uma das funções do devaneio é nos libertar dos fardos da vida, e a porta cinza ao aparecer para Maria nesse momento, mostrando o prazer que ela sentia em viver no circo é inquietante, pois a menina sabe que abrindo aquelas portas todos os dias ela poderá ver coisas que preferirá não lembrar, mas não abrir é também não ter a oportunidade de rever seus pais, sua casa, e quando é aberta a porta cinza, ela não vê o salto dos pais, mas os vê no camarim, no momento ela não percebe que a pequena criança brincando com um barco de papel era ela, mas quando percebe sente uma alegria profunda. Maria encontra-se consigo mesma na infância, brincando no camarim enquanto esperava seus pais terminarem a apresentação, todavia Maria percebe quem entra sorrateiramente no camarim, sua avó, que olha espreitando tudo.

Você não se lembra de mim porque sua mãe nunca levou você para me ver. Agora nós vamos nos ver sempre. Vamos fazer cada passeio tão bonito que você nem imagina. – abriu uma bolsa de couro, com fecho e corrente de ouro. Tirou lá de dentro boneca, bola, carrinho. – olha quanto presente a vovó trouxe pra você. – eram uns brinquedos diferentes, coisa recém-inventada, assim que saiam da bolsa eles desatavam a crescer. A menina ficou encantada; estendeu a mão. – Me dá? – Claro minha boneca, toma, pega. Tudo que você quer a vovó dá. A bola virou balão, a boneca ficou maior que a Menina, a bolsa virou pro chão, caiu bala, doce, bombom. [...] Dona Maria Cecilia pegou a menina e cantarolou baixinho: - Um passeio tão bonito que você nem pode imaginar, lalalalalá. (BOJUNGA, 2008, p. 97, 98 e 99).

Neste momento, podemos perceber como dona Maria Cecilia é ardilosa para conquistar aquilo que quer, como já apresentamos esta personagem anteriormente neste mesmo episódio, vemos que o poder que ela tem a seu favor é o que controla Maria, que são os brinquedos, a fantasia, tudo que a

menina não tinha no circo, imaginamos, porque quando ela tem os brinquedos em suas mãos, tudo vai ganhando vida, dando poder ao desejo de Maria Cecília de conquistar sua neta, mesmo que seja na base da compra. Como Márcia nunca havia apresentado vó e neta, pois dona Maria Cecília assim preferiu ao excluir Márcia de sua vida não aceitando o namoro da filha, a menina nunca teve a oportunidade de ver sua avó, todavia, os planos de Maria Cecília eram de levar a neta sem o consentimento dos pais, e assim o fez, e é quando os pais de Maria endividam-se atrás de pistas da menina.

Dona Maria Cecília vivia em outro mundo, no mundo de facilidades, todos os seus desejos eram realizados, fosse o que fosse e assim ela apresenta esse mundo para sua neta Maria, que foi comprada pelos doces e balas que talvez nunca tivera. Maria Cecília vive nesse mundo moderno em que Berman (1986) aponta visto com grande entusiasmo:

A modernidade ou é vista com um entusiasmo cego e acrítico ou é condenada segundo uma atitude de distanciamento e indiferença neo-olímpica; em qualquer caso, é sempre concebida como um monólito fechado, que não pode ser moldado ou transformado pelo homem moderno. (BERMAN, 1986, p. 18).

A modernidade que vive Maria Cecília é anestesiante, pois ela fora casada com três homens e os mantinha somente em fotos nas paredes para não esquecer, mas sua filha ela manteve longe porque escolheu ir contra sua vontade, dona Maria Cecília gosta de usar seu dinheiro para controlar tudo ao seu redor assim como o capítulo seguinte que é descrito como: *O presente de Aniversário* que dá continuação a convivência de Maria com sua avó, neste capítulo Bojunga utilizará com mais clareza os objetos para demonstrar o poder que Dona Maria Cecília tem para agir sobre as coisas e as pessoas que estão ao seu redor.

No capítulo, *O presente de Aniversário*, Maria verá como que ela foi roubada por sua avó no circo, tirando assim parte de sua infância, a convivência com seus pais e o circo, tudo que ela amava, sua avó tirou, Maria sente-se sem chão, fica tão desorientada que em vez de voltar pra janela, ela caminha para o fim do corredor, quando de repente vê uma porta encostada, mas, não tem coragem de abrir mais nenhuma porta, tudo aquilo que ela viu a

deixou muito desnorteada. Maria não entende como sua avó pode ter feito isso consigo e com seus pais, todavia não guarda mágoas no seu coração. Nesse momento da narrativa é Maria que conta sua dor, no início só vemos contando a história, mas não é através dos olhos da Menina.

Acabou não resistindo e empurrou ela com o dedo. Era uma sala de jantar muito grande, com uma porção de janelas dando pra um jardim bonito, mas tudo de vidro fechado. [...] a menina estava fazendo sete anos. Tinha uma mesa compridíssima, tapada de toalha de renda. E um monte de doces e salgadinhos. [...] e tinha brinquedo ocupando tudo quanto é cadeira em volta: boneca vestida moderninha, boneca vestida de antigamente, um urso que era duas vezes o tamanho da Menina [...] mas tinha dois bichos de verdade: dois cachorros; esparramados pelo chão; um de cada lado da cadeira da Menina. Era só ela se mexer que eles já ficavam de pé [...] a Menina foi na janela (assim como quem quer mais ar), os cachorros também foram, um de cada lado; e quando a Menina olhou pro jardim, eles logo olharam, pra ver o que ela queria lá fora. (BOJUNGA, 2008, 100-101).

Por mais que Dona Cecília tentasse tirar toda solidão de Maria, era impossível, Maria busca algo que o dinheiro não comprava e que dona Cecília não entendia porque não sabia dar a ela; o amor, o amor dos pais e dos amigos. A festa que dona Maria Cecília preparou era elegantíssima, todavia por mais que tivesse muitos brinquedos, Maria ainda se sentia presa, presa em uma prisão sem grades.

Berman (1986, p. 22) aponta que a sociedade vive um cárcere desprovido do sentimento interior de liberdade e dignidade, o cárcere não é uma prisão, apenas fornece a uma raça de inúteis o vazio que eles imploram e de que necessitam. Portanto, não só a sociedade moderna é um cárcere, como as pessoas que aí vivem foram moldadas por suas barras; somos seres sem espírito, sem coração, sem identidade sexual ou pessoal, quase podíamos dizer: sem ser. E assim se comporta Dona Maria Cecília de Mendonça, que vive como se ela pudesse controlar tudo, inclusive todos os desejos e sonhos de sua neta, seu egoísmo é tanto que ela não percebe ou cauteriza sua consciência para não ver o mau que causou aos pais de Maria e a própria menina. Até os cachorros obedecem a forma de conduta de Maria Cecília, é como se fossem o mesmo de Dona Eunice, pois aqui os cachorros querem

controlar Maria, assim como sua avó, eles querem controlar até seus pensamentos como forma de obediência a sua própria dona, que é controladora. Quando ela vai em direção à porta, os cachorros aqui têm a mesma personalidade que o cachorro de dona Eunice, eles buscam não perder Maria de vista, e assim a sufocam e a deixam inquieta, porque por mais que ela busque um nada ao olhar pela janela, ela não consegue nem perceber, pois eles estão ali, parados como cães de guarda.

Podemos perceber que Maria abre uma porta, todavia não há menção na narrativa que cor seja está porta, pois ela havia acabado de sair da porta de cor cinza, e fica tão desorientada que abre uma segunda porta no mesmo momento, mesmo não querendo. Bezerra(2010) nos aponta que:

A ausência de cor é símbolo de um mundo onde todas as cores, em sua qualidade de propriedades de substâncias materiais, tenham se desvanecido, o que pode ser comparado com a perda de valores em que comprar uma pessoa seria impensável, sendo uma situação subumana. Assim, a ausência de cor produz na alma o mesmo efeito do silêncio absoluto. Um silêncio de indignação, ao pensar que o ser humano pode ser tão cruel que o poder e o dinheiro podem comprar tudo, até mesmo uma pessoa. (BEZERRA, 2010, p. 4).

Dona Maria Cecilia compra de presente para Maria uma “contadora de histórias”, ela encontra uma senhora em um lugar muito podre e a compra para contar histórias para sua neta todas às vezes que ela quisesse, e a condição é que ela poderia comer tudo o que quisesse, quando quisesse, tirando assim todo o peso do cuidado que Maria exigiria por ser criança, para deixar sobre a velha. Vemos então um contra ponto de riqueza e pobreza tão claro na vida de Maria, Maria no início não entende muito o que sua avó fez e questiona se pode-se comprar gente, e Dona Maria Cecilia diz que se pode tudo com dinheiro.

Maria era muito pequena, mas podia compreender que aquilo não era o certo, pois ela mesmo sendo pequena entende que não se pode comprar gente, e questiona a vó sobre isso, todavia Dona Maria Cecilia cansada de questionamentos que ela condiciona inúteis de sua neta, ela diz que está cansada e a deixa com a contadora de histórias.

O presente era uma velha. Mas não era de acrílico nem de borracha, era uma velha de verdade, gente de carne e osso. A menina olhou pra avó. –É isso mesmo, minha boneca: essa velha é pra você. Quando você quiser ouvir história é só mandar: história! E pronto, ela conta. A velha fez força com a cara e sorriu; quis ficar olhando pra Menina, mas o olho disparou pra mesa de doces. A menina olhou o lenço que tapava o cabelo da Velha: desbotado; o vestido da Velha: chitinha de flor com dois remendos do lado [...] Deixei ela assim mal vestida de proposito, sabe, meu anjo? Achei que você ia querer falar com a costureira pra brincar de encomendar guarda-roupa. O olho da Velha passou por bolo, quindim [...] A Menina não se mexia: mas podia? A gente podia ganhar gente de presente? [...] conta como é que chamam você? – A Velha da História. [...] Mas, vó, gente se compra? – Quem tem dinheiro feito eu, compra tudo. – Fala baixo, vó, ela pode ouvir. [...] – Mas não tem nada que gostar ou não gostar: ela tá aí pra fazer o que você quer. [...] – Gente custa caro? – Depende, tem uns que custam bem caro (olhou de rabo pros retratos). Essa aí custou baratinho. (BOJUNGA, 2008, p. 107 a 109).

Quando a avó de Maria sai da sala a contadora de histórias fica enlouquecida com tanta comida, porque nunca vira isso em nenhum lugar, e começa a comer enlouquecidamente, Maria fica só vislumbrando o comportamento da velha senhora, e pede para ela em alguns momentos contar alguma história, mas ela tem tanta fome que enche a boca com comida e vai comendo mais e mais, quando de repente cai sentada e morta. A velha morre na frente de Maria agarrada numa coxinha de galinha. Encontramos, aqui, a figura do indivíduo isolado, exilado ou alienado, colocado contra o pano-de-fundo da multidão ou da metrópole anônima e impessoal (Hall, 2006, p. 8). Ao tentar comprar uma Velha pra sua neta para suprir o que ela não poderia dar, Dona Maria Cecília causa um prejuízo maior, porque agora além de ela ter uma pessoa morta em sua sala de jantar, sua neta presenciou todo o estrago causado por sua forma egocêntrica de ser.

“Meu presente morreu...” (BOJUNGA, 2008, p. 109), foi tudo que Maria conseguia dizer, seu espanto e terror era tanto que ela não conseguia entender, como pode uma pessoa morrer assim? A avó de Maria vai até a sala e vê a Velha debruçada sobre a mesa e se espanta:

- Mas como? Morreu de quê?
- De comer.
- O quê?

- Ela comeu a mesa toda e bebeu todo o guaraná. Dona Maria Cecília começou a chorar. – Que é isso, minha boneca? Não chora, não chora. O choro cresceu. – O meu presente morreu. [...] esquece, minha boneca, esquece. A comida nunca deu pra ela. [...] esquece, meu amor [...] – Não. Não esqueço, não. (BOJUNGA, 2008, p. 109).

Bojunga lança esse olhar sobre a morte e a infância com muita firmeza, dessa forma a autora aponta que o mundo infantil não é mais desligado do mundo do adulto, podendo assim passar pelas durezas que este a impõe. Maria vê-se frente a um turbilhão de emoções no capítulo *O presente de Aniversário*, pois tratar sobre a morte várias vezes é doloroso para qualquer um, imagina para uma criança que não tem entendimento sobre este assunto. Dona Maria Cecília através de seu egoísmo torpe, causa dores no coração de Maria, dores que ela tem que enfrentar a cada dia, Maria ainda é pequena, todavia já percebe como sua avó leva a vida, ela traz muitos questionamentos, que todavia, não são respondidos por sua avó por pensar que Maria não compreenderia.

Os sentimentos individualistas de dona Maria Cecília e as mudanças de espaços que ocorrem com Maria, ocasionam movimentos a narrativas que desencadeiam muitos momentos doloridos para a personagem central. Maria ao buscar enfrentar o passado que a machucava depara-se com uma avalanche de momentos que ela não se lembrava e que a magoaram muito. Seu rapto, o descuido de sua avó, as pressões sociais, e o mais doloroso que é a morte de seus pais. Enfrentar todas essas mudanças repentinas causou uma exaustão em Maria que veremos nos próximos capítulos, todavia não podemos deixar de citar alguns acontecimentos da narrativa que é a forma deturpada e presunçosa que Dona Maria Cecília trata a “Velha” senhora que ela encontra.

Vemos na narrativa a palavra “Velha” em letras maiúsculas e por várias vezes, fazendo com que percebamos que as únicas que possuíam nome no capítulo era Maria e sua avó, trazendo sobre a palavra “Velha” um poder muito forte, pois vemos o velho como algo inútil, que pode ser jogado fora, que não tem valor, todavia a velhice no dicionário de significados de Chevalier e Gheerbrant (2001, p. 934) é como um sinal de sabedoria de virtude, porém a Velha não era tratada dessa forma por Dona Maria Cecília, que fazia questão de também não demonstrar essa virtude para sua neta, ao contrário, a senhora

além de ser velha ela era pobre e foi comprada para servir Maria, o que nos causa muito espanto com a forma destrutiva que Dona Maria Cecília age frente a outro ser vivo, mesmo quando a Velha morre ela mostra não se importa com o que aconteceu.

“Muitas vezes, quando Quico acordava e via Maria na cama, de olho aberto pra janela, ele perguntava: O que que você tá pensando, hem, Maria?” (BOJUNGA, 2008, p. 121). Os dias se passam e reencontramos novamente Maria em seu quarto olhando para a janela, o próximo capítulo é o *Tempo de Chuva*. Este capítulo trará Maria conversando e abrindo-se com Quico, coisa que antes ela não fazia com ninguém. Vemos que Maria tem aprendido muitas coisas e tem amadurecido com todos os momentos felizes e tristes que ela tem enfrentado, Maria é uma menina tímida no início da narrativa, e agora ela já sente-se na liberdade de contar suas coisas para seu primo Quico que a ouve encantado com muita vontade de ver tudo aquilo que Maria tem visto, “queria tanto ver o corredor comprido com as seis portas coloridas!” (BOJUNGA, 2008, p. 121).

No início do capítulo, observamos através dos olhos de Quico, Maria olhando pelas janelas e relembrando-se de tudo que vivera atrás das portas, ao olhar pelas janelas Maria traz para dentro de seu inconsciente o que viverá, ela transporta-se em pensamento para cada momento e vai contando, narrando para seu primo. A narrativa através do tema do capítulo e também de alguns momentos da própria narração apontam que está chegando um momento brusco na vida da Menina que continuava sua busca continua por descobrir-se.

Vemos anteriormente com Bachelard que o devaneio é um estado tão profundo que se faz necessário para que seja mudado talvez algo, e Maria encontra esse lugar profundo em que ela pode se ancorar nela mesmo, pois podemos perceber que no capítulo *Tempo de Chuva* é um momento que a personagem vê-se mais íntima consigo mesma, pois temos que nos momentos de chuvas nos retraímos em nós mesmos, nos tornamos pensativos e questionantes sobre as coisas da vida e Maria precisa desse momento consigo para poder digerir o que estava vivendo.

Chevalier e Gheerbrant (2001, p. 236) aponta que a chuva além de um símbolo de fertilização e graça, também é visto como símbolo da sabedoria, pois é depois das fortes tempestades que vem a bonança.

Maria começa a contar para Quico sobre a festa de aniversário que sua avó havia dado para ela quando ela era ainda pequena, entretanto, sente-se tão triste que perde a vontade de contar e de sair na corda de novo.

Passou uma porção de dias sem voltar no corredor. Quico já andava desapontado.

– Você hoje vai passear?

– Não

– Por que?

Cada dia ela dava uma desculpa: Porque estava chovendo. Porque não, ué! Porque eu dormi demais. Porque eu tenho um monte de coisas pra estudar. Porque semana que vem é o teste. Porque hoje é o teste. Foi no dia do teste que veio um telegrama pra Quico: “Chegamos segunda-feira pra buscar você beijos mamãe papai.” [...] Maria não gostou de ver Quico indo embora. Depois do almoço, quando foi pra escola fazer o teste, não conseguia prestar atenção nas perguntas. Perguntam figura geométricas, operação com fração [...] mas quem disse que ela respondia? Teve entrevista com diretora, conversa com orientadora, e mais isso e mais aquilo, o pensamento sempre correndo [...] (todo mundo indo embora). (BOJUNGA, 2008, p. 123-124).

A água, sempre a água, para nos tranquilizar, de qualquer modo, os devaneios repousantes devem encontrar uma substância de repouso e em *Corda Bamba* uma dessas é a água da chuva que lava, que leva todos os pensamentos de Maria. A narrativa, neste encontro de Maria com os seus medos, torna-se tão densa que podemos perceber através de símbolos, que a autora apresenta, as dores que a Menina tem passado, a chuva, o sono, o não conseguir realizar nada, tudo sobrecarrega tanto a narrativa quanto a vida da Menina que se deita e dorme, sobre uma chuva terrível. Bachelard aponta que:

Amenizar, apagar o caráter traumático de certas lembranças da infância, tarefa salutar da psicanálise, equivale a dissolver essas concreções psíquicas formadas ao redor de um acontecimento singular. Mas não se dissolve uma substância no nada. Para dissolver as concreções infelizes, o devaneio nos oferece as suas águas calmas, as águas escuras que dormem no fundo de qualquer vida. (BACHELARD, 1988, p. 127).

As águas da chuva têm o poder de levar embora as angústias do dia de Maria, e trazer a tranquilidade que seu ser necessita para continuar a

jornada, Bachelard aponta que para um grande sonhador, ver na água é ver na alma, (BACHELARD, 1988, p. 196).

E Maria saiu na chuva, se equilibrando de guarda-chuva. Pulou pro corredor. Mas chovia tanto lá dentro que só dava pra ver a primeira porta: azul. Bateu o medo que sempre batia na hora de abrir uma porta. Mas Maria abriu; entrou; e lá dentro a chuva apertou. Maria viu Márcia chegando de lado, viu Dona Maria Cecília e a Menina aparecendo do outro lado [...] e entrando no abraço de Márcia; os abraços e fechando, apertando. E com o barulho de chuva caindo, mal dava pra escutar Márcia falando pra Menina: - Te procurei tanto. Mais de dois anos [...] foram indo embora [...] cada trovão medonho. E mais Dona Maria Cecília gritando [...] A Menina sumiu lá no fundo da chuva de mão dada com a mãe. Durante um tempo ficou só chovendo, sem ninguém. (BOJUNGA, 2008, p. 124-125).

Maria presencia tudo o que viveu na infância pela segunda vez, e dentro dela há um conflito que não quer apaziguar. A menina em busca de sua felicidade vê-se de frente com momentos do seu passado que nem ela gostaria de ter se lembrado, mas Maria tem que enfrentar seus medos e anseios, e é somente no devaneio que além de ter essa oportunidade, ela também pode ver seus pais outra vez. Bachelard aponta que o devaneio cósmico nos faz habitar em um mundo e para tanto ele contribui discutindo que:

Dá ao sonhador a impressão de um *em casa* num universo imaginado. O mundo imaginado dá-nos um *em casa* em expansão, o inverso do *em casa* do quarto. Victor Ségalen, o poeta da viagem, dizia que o quarto é "a finalidade do regresso". (BACHELARD, 1988, p. 174)

Bachelard aborda todo um contexto do mundo cósmico e nos faz viajar juntamente com Maria, que busca através de suas portas respostas para suas perguntas e medos. Como dizíamos anteriormente que a chuva tem muitas singularidades, Maria também tem, pois após abrir mais uma porta, a porta azul, Maria tem em si que cada porta tem tornado mais difícil de enfrentar. O medo tem muitas vezes desestimulando a menina, que tem ficado muitos dias sem adentrar o corredor, e não quisera, pois a porta que Maria abre é a de cor azul, sendo para Chevalier e Gheerbrant (2001, p. 107) a cor mais profunda, pois nela o olhar mergulha sem encontrar obstáculos, perdendo-se até o

infinito, como diante de uma perpétua fuga de cor, sendo que o azul para os autores é a mais imaterial das cores, pois é feito de apenas transparências; de vazio; da água ou do ar, vazio do puro e frio, sendo assim o azul também é considerado a mais fria das cores, todavia seu valor gira em torno da pureza. O azul também desmaterializa tudo aquilo que dele se impregna. É o caminho do infinito, onde o real se torna imaginário, como nos reporta ainda Chevalier e Gheerbrant, pois o azul segundo eles é o caminho da divagação e quando ele se escurece, de acordo com a tendência natural, torna-se o caminho do sonho, consideram o azul como a cor da verdade.

Realizando um contraponto com tudo que Maria vivencia na porta azul e seu significado diante de sua perfeição, entendemos porque somente agora a Menina consegue abrir esta porta. Cada porta abre-se somente em um determinado momento, mesmo que Maria queira abrí-la, ela não consegue. Assim as portas só se abrem quando Maria está pronta para poder passar por todas as emoções que elas estão carregadas. Elaine Bezerra aponta que a porta azul é:

O reencontro dela com os pais, depois de ter sido “raptada” pela avó. Ela vai embora com a mãe para o circo onde eles recomeçam uma nova vida. É nesta porta também que Maria aprende a se equilibrar na corda e se apresenta com os pais, numa linda noite de espetáculo. [...] Nesse sentido, o reencontro com os pais faz Maria viver uma alegria imensa depois de ter conhecido a cruel realidade ao viver com sua avó. (BEZERRA 2010, p. 4).

Para Santos, cada personagem de Bojunga vive um confronto, real e irreal e muitas vezes ele encontra no imaginário a forma de vencer seus medos interiores, Santos aborda que:

Cada um dos personagens encara o seu conflito de frente, aproximando-se cada vez mais das fronteiras que os cerca e que separam o conhecido do desconhecido. E para ultrapassá-las de uma vez, vimos que as crianças descobrem a melhor maneira de realizar tal travessia: dominando a passagem do tempo por meio de matéria simbólica, a imaginação e a narrativa.

Daí que, o deslocamento entre real e imaginário acaba por se constituir em uma espécie de rito de passagem, ou seja, oferece a chance de permutar possibilidades e compartilhar

experiências entre o vivido (fisicamente) e o recriado por meio dos jogos inconscientes, como a rememoração e a ficção. (SANTOS, 2006, p. 111).

Maria aprende andar na corda bamba depois que volta para casa, ela não quer relembrar-se do passado e somente quer viver o presente. O que a Menina viu na porta azul mexeu muito com seu inconsciente, mas agora ela estava com seus pais novamente. “Os três riram e brincaram até cansar. Dormiram abraçados. Foram sumindo na chuva. Choveu. Choveu. Choveu. [...] O cabelo da Menina tinha crescido; estava amarrado que nem rabo de cavalo” (BOJUNGA, 2008, p. 126-127). Maria já se apresenta no circo e já está grande, pois podemos ver isso através de marcas que a autora nos deixa, quando ela diz que o cabelo da Menina tinha crescido, ou quando ela diz que Maria treina na corda para lá e para cá, ou quando ela indo pela corda vira chuva. O tempo passou para aquela Maria recém nascida e podemos notar através dos olhos da nova Maria que olha através da porta azul, vemos a Maria menina desenvolvendo-se e voltando para dentro de si, de seu eu que ficou perdido em meio as dores do passado.

A Menina tinha chegado nos dez anos que Maria tinha. De repente, Maria começou a lembrar do resto todo. Correu pro corredor, jurava! Era capaz de jurar que a porta vermelha não estava mais trancada. A afobação foi tão grande, que foi até maior que o medo, e Maria nem parou pra escutar: meteu a mão na maçaneta: dito e feito, a porta vermelha abriu e Maria deu de cara com Márcia, Marcelo, Barbuda e Foguinho. Estavam discutindo, Márcia falava depressa: - Não dá mais tempo de mudar nada: já fizemos o acordo, o espetáculo vai começar. [...] A gente precisa mais dinheiro. [...] Até agora não deu pra pagar as dívidas que a gente fez quando eu saí procurando a Maria. [...] não tá certo! Vocês não podem deixar eles tirarem a rede, vocês não podem deixar eles botarem a corda tão alto. (BOJUNGA, 2008, p. 128-129).

A narrativa torna-se mais carregada a cada porta aberta, e nesse momento podemos entender como foi doloroso aquele momento para Maria, pois adentrar nosso interior e ser confrontada com momentos que vivemos no passado requer uma força que muitas vezes um adulto não teria, mas Maria tem, ela teve coragem para abrir a cada porta e enfrentar suas dores e retornar para abrir as outras, como forma de dizer eu estou lutando. Bachelard (1988, p.

133) aponta que os devaneios de familiares nos colocam sobre a totalidade dominante da melancolia, sendo a melancolia uma abertura do devaneio. Os devaneios de Maria só tiveram essa abertura para um imaginário fantástico, porque seu inconsciente encontrava-se tão dilacerado que somente através da fantasia que a Menina poderia continuar sua jornada rumo ao seu crescimento. Santos (2006, p. 111) aponta que o espaço imaginário mescla-se ao social em Bojunga, permitindo “inventar uma história. Ultrapassar o agora, o dado, o imediato”, transportando Maria para fora do real e inserindo-a em seu próprio imaginário. Santos ainda expõe que é importante enfatizar, um pouco mais, que o espaço destinado à criança, fora da ficção, por meio do contato com o imaginário, se reveste de um novo matiz; ou, de certa forma, o olhar se desanuvia das tensões causadas pelo medo, insegurança e opressão.

A banda tocou uma valsinha. Maria foi se acostumando com a claridade e viu o circo todo lotado, o pai e a mãe subindo lá pro alto, o pessoal recolhendo a rede. E, de repente, não quis ver mais nada; se virou pra sair. A porta estava trancada de novo. “Vejam, senhoras e senhores, que altura [...] Maria bateu na porta, sacudiu a maçaneta: - Abre! Abre! Eu quero sair! A banda parou de tocar. O público foi ficando em silencio. A voz de Maria foi ficando um vozeirão: [...] – Eu quero ir m’embora, abre, abre! [...] o tempo passa devagar. Ela se vira, olha: que alto eles estão! [...] Cada vez diferente. Cada vez mais depressa. Cada vez, que é isso!! O arco de cor se embaraça no amarelo; cai. Márcia falseia o pé, o corpo vira, o pai quer pegar um braço, um cabelo, um resto dela, mas tudo escapa, ela já vem vindo, ele se vira todo, já vem também, o tambor parou, ninguém diz ai, só tem silêncio, que depressa que gente cai!! Maria se vira, sacode a maçaneta, a porta não está mais trancada, ela sai. [...] entra na cama, puxa o lençol e se tapa toda, cabeça, tudo, não quer ver mais, só quer dormir[...] (BOJUNGA, 2008, p. 131 a 133).

Maria dorme, mas parece que nada pode aliviar aquela dor, a dor que ela tentava esquecer a prende de novo, Maria está desesperada, não queria ter visto tudo os acontecimentos do passado de novo, pois aquilo a machucava demais, trazia um confronto que ela não queria enfrentar, todavia a porta vermelha não deixou a menina sair, pois era o momento de Maria enfrentar sua maior dor, que foi a perda de seus pais. Maria não entende como seu passado estava na sua frente de novo, tudo que ela lutou para esquecer, talvez a menina questionava quando viria sua felicidade? Todavia a porta estava

aberta, e seus medos diante de seus olhos, a porta vermelha era seu passado esquecido e abandonado.

Considerada universalmente como o símbolo da vida a cor vermelha tem sobre si o símbolo de intensidade. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2001, p. 944) o vermelho espalhado também pode ser caracterizado como a morte, em outros contextos, o vermelho segundo os autores podem significar força impulsiva e generosa, de juventude, de saúde, de riqueza, de acordo com algumas culturas o vermelho designa harmonia, expansão e maturidade. Bachelard aponta que diante das profundidades da solidão, podemos viajar dentro do devaneio cósmico para dentro do mais profundo de nosso ser, para isso o autor aponta que:

Num devaneio de solidão, que aumenta a solidão do sonhador, duas profundezas se conjugam, repercutem-se em ecos que vão da profundidade do ser do mundo a uma profundidade do ser do sonhador. O tempo já não tem ontem nem amanhã. O tempo é submerso na dupla profundidade do sonhador e do mundo. O Mundo é tão majestoso que nele não ocorre mais nada: o Mundo repousa em sua tranquilidade. (BACHELARD, 1988, p. 169).

Através do devaneio, Maria tem a tranquilidade de saber que está pronta para o momento que tanto lutou contra, e através do devaneio, Maria mergulha em seu inconsciente e revive o momento em que seus pais caíram da corda, e por mais que ela quisesse sair do quarto antes do momento, a porta trancou-se e enquanto a menina não terminou de presenciar o fato, a porta não se abriu.

O mundo que Maria visita é majestoso, pois há misturas de grandes emoções com desejos que somente a Menina seria capaz de criar. Maria lutou tanto contra aquela lembrança, mas somente quando estivesse pronta para enfrentar as portas, “as lembranças” seriam abertas, somente quando ela tivesse afastado todas as preocupações ela saberia que poderia seguir, assim como nos aponta Bachelard ao dizer que:

Quando um sonhador de devaneios afastou todas as “preocupações” que atravancavam a vida cotidiana, quando se apartou da inquietação que lhe advém da inquietação alheia, quando é realmente o *autor da sua solidão*, quando, enfim, pode contemplar, sem contar as horas, um belo aspecto do

universo, sente, esse sonhador, um ser que se abre nele. De repente ele se faz *sonhador do mundo*. Abre-se para o mundo e o mundo se abre para ele. (BACHELARD, 1988, p. 169).

Maria após conseguir passar pela última porta, a vermelha, depara-se com novas portas, portas em que agora ela tinha a oportunidade de reescrever sua história do jeito que quisesse. Cheias de sonhos, de conquistas, de objetivos. Maria não tem mais medo de falar e agora conta para seus amigos Barbuda e Foguinho que se lembra do dia do acidente de seus pais e que já não dói tanto como doía no início. Maria agora faz planos de viajar para ver seus amigos e vai construindo dentro dos quartos seus sonhos e desejos.

Desembarcava no andaime, pulava pro corredor comprido, as vezes abria uma porta só, às vezes abria duas ou três, variava o jeito de acostumar. E acostumou: o medo de abrir porta foi embora; até mesmo a porta cinzenta, até a porta vermelha! Encarava elas todas, olhava cada conto, olhada tudo que tinha pra ver. [...] porta nova era aquela? Era uma porta diferente de tamanho e de feitio, diferente de pintura também: parecia que estavam experimentando a cor: tinha uma porção de pinceladas, cada uma de uma tinta. [...] Era um quarto vazio. [...] depois, aos poucos, começou a arrumação do quarto [...] Uma ponte tão fininha, que depois ela ficou pensando se era ponte mesmo ou se não era a corda. No barco tinha um homem chamando ela. Ela foi. E conforme ia indo pela ponte, ia crescendo, crescendo, virando moça; quando encontrava com o homem já tinha virado mulher. A arrumação desse quarto ficou muito bonita, Maria adorava ficar olhando [...] (BOJUNGA, 2008, p. 142 a 143).

Agora Maria podia entender e aos poucos ir enfrentando os medos que tanto a travavam, ela foi se reconstruindo e para que isso acontecesse tinha que entender o que havia de errado, e era o seu passado que a aprisionava dentro de seus sentimentos, os sentimentos de Maria estavam presos, como as jaulas que vimos no início da narrativa. Maria sentia-se livre agora, tanto é que já abria todas as portas que iam aparecendo, as portas que o último capítulo nos apresenta como *Portas Novas*. “Maria começou a passar muito tempo no quarto novo. E cada vez que entrava lá, botava mais coisa. Botou correio, botou pulgueiro, aumentou a horta, e quando foi aumentar o mar, não deu lugar”. (BOJUNGA, 1988, p. 142). Cada porta era um pouco de si mesma que Maria arrumava, agora ela encontra tempo para poder conversar com seu eu. E podemos notar no fim da narrativa como a autora coloca a Menina Maria, que

vai crescendo e crescendo e ao encontrar com um homem que a chama, já tornou-se mulher, Maria não diz quem é o homem, porque isso está reservado para seu futuro, mas ele participa de muitos momentos da sua vida. Maria já não tem mais medo de enfrentar-se, de enfrentar aquilo que antes a aterrorizava, agora ela sente-se livre para pensar e sonhar e acima de tudo trilhar seu próprio caminho rumo ao futuro.

CAPITULO II

SAPATO DE SALTO: QUEBRANDO TABUS, ABRINDO PORTAS

Esses livros (feitos para criança pequenas, mas que podem encantar aos De qualquer idade) são sobretudo experiências de olhar... (...) E é tão bom saborear e detectar tanta coisa que nos cerca usando este instrumento nosso tão primeiro, tão denotador de tudo: a visão. Talvez seja um jeito de não formar míopes mentais. (ABRAMOVIC, 1995, p. 10)

Buscar uma forma de rever-nos como seres humanos é uma oportunidade que temos todos os dias e, ao ler e estudar o livro *Sapato de Salto*, de Lygia Bojunga foi mais uma dessas oportunidades que nós, enquanto leitores e pesquisadores, tivemos para nos reinventar novamente, pois o livro em questão é tão intrigante e profundo que tem a capacidade de tirar nossa alegria ao mesmo tempo que nos faz questionar a vida, a ponto de muitas vezes duvidar que exista tanta crueldade contra o ser infantil. A autora Lygia Bojunga ao dar características tão peculiares às suas personagens infantis, aponta como o universo infantil tem perdido suas próprias características e tem se reinventado a cada momento, as crianças assim como os adultos não tem ficado presas em um universo com eventos somente para sua idade, todavia, elas têm visto e vivido acontecimentos que como vimos anteriormente em *Corda Bamba* são atemorizadoras para qualquer um, principalmente, para uma criança em formação.

Sapato de Salto é um livro que traz uma quebra de tabus tão intensa ao universo infantil que nos traz todos os tipos de questionamentos enquanto pesquisadores do mundo infantil, pois temos Sabrina, uma menina com seus onze anos de idade, que já presencia as dores que a vida lhe trouxe: abandono, estupro, conflitos sociais e prostituição. Sabrina vive cercada nesse meio que possivelmente a condicionaria a tornar-se uma pessoa totalmente desestruturada, todavia Sabrina é uma criança e querendo ou não, sua mente é uma mente infantil.

Paula Franciele Domingues (2011, p. 5) aponta em seu artigo *Lygia Bojunga: Quebrando Tabus* que durante muito tempo a literatura para crianças evitou abordar temas que tivessem como foco os conflitos sociais e existenciais, além daqueles relacionados à violência urbana, todos diretamente inseridos na realidade das crianças. As narrativas de Bojunga abordam temas que acabam por revelar sua preocupação com o homem moderno nos diferentes contextos e dilemas sociais em que está inserido, como: as relações familiares que encontramos em muitos de seus textos. Edson Maria da Silva (2013, p. 3) aponta também em seu artigo *Desmistificar para fazer arte: uma análise de Sapato de Salto, de Lygia Bojunga*, que em se tratando de *Sapato de Salto*, a desmitificação, a princípio, se dá: por tratar de temas *tabus* da sociedade, livre do discurso moralista e limitado da burguesia dominante por

retratar realidades opostas ao que se tem nos contos de fadas; por dar voz ao mundo Infante juvenil, retratando os dramas, as realidades e também as belezas que compõem os personagens do livro, especificamente, Sabrina e Andrea Doria.

Sabrina mora em um orfanato e aos onze anos é levada para morar com uma família, que aparentemente seria um lugar adequado para a menina ficar, por saber que o lugar em que ela estava já tinha muitas crianças e em sua idade seria difícil de ser adotada. O orfanato então leva Sabrina para morar em uma casa aos cuidados de dona Matilde e seu esposo Gonçalves que possuem duas outras crianças pequenas, todavia, o que Sabrina não sabia é que naquele lugar seria tratada como uma empregada e não como uma pessoa da família: “Posso chamar a senhora de tia? Porque ué? É que se eu chamo de mãe a senhora pode não gostar. Nem tia, nem mãe, nem coisa nenhuma.” (Bojunga, 2006, 13).

Segundo Bruno Bettelheim (1985, p. 179), não há maior ameaça na vida do que ser abandonado, ficar completamente sozinho. A psicanálise chama isto – o maior medo do homem [...] o quanto mais novos somos mais excruciantes nossa ansiedade quando nos sentimos abandonados, entretanto, Sabrina não apresenta sintomas de uma ansiedade negativa, a menina somente tinha um grande desejo de encontrar sua família, ou ter uma família, o que no início foi muito difícil para ela, pelas atitudes de Seu Gonçalves, como veremos no decorrer da narrativa.

Nos primeiros capítulos já podemos ver claramente o desgosto que dona Matilde tem contra a menina por ser de um orfanato e não ter a linhagem de vida da personagem: “Não gostei do jeito dela (Bojunga, 2006, p.07), Uma menina assim sem pai, sem mãe, sem nada, será que presta? (Bojunga, 2006, p.10)”, todavia, o marido de Matilde ficou de boca seca com a presença da menina na casa: “Seu Gonçalves olhou devagar pra Sabrina; bebeu um gole d’água (Bojunga, 2006, p.07)”.

Camila de Souza Fernandes e Alice Áurea Penteado Martha (SD, p. 2) apontam em seu artigo *Caminhos da leitura em Sapato de Salto, de Lygia Bojunga* que por outro viés é o do Seu Gonçalves, um senhor que abusa sexualmente de uma criança com um pouco menos de 11 anos de idade e, para tanto, utiliza as artimanhas da conquista, já na entrada de Sabrina em sua

casa, a imagem que o narrador oferece é a de um homem que se encanta com a menina.

Seu Gonçalves tece um circo de elogios para Sabrina, para que ela passasse a confiar nele, e cria entre ambos segredinhos que ninguém podia ficar sabendo, fazendo assim que o leitor também duvide da índole e do caráter de Sabrina, pois ela não esquece de pedir presentinhos quando seu Gonçalves esquece, como uma forma de ter também coisas especiais, todavia ela não entende a realidade daquilo tudo que aquele homem está fazendo com ela. “Quando ela virava cambalhota pra divertir as crianças, ele ainda ria mais. E meio que fechava o olho querendo ver a calcinha que a Sabrina usava (Bojunga, 2006, p. 14). Seu Gonçalves passa a visitar Sabrina em seu quarto e levar “presentinhos” e também diz que vai lhe dar aulas para que pudesse aprender também a ler como seus filhos, tudo em segredo: “O hábito do segredo se formou entre os dois.” (Bojunga, 2006, p. 15) E o segredo que era azul fraquinho em um capítulo nos é revelado no decorrer da narrativa.

Entrou uma noite no quarto dela e se instalou na cama com jeito de quem está inventando uma nova brincadeira. Quando a Sabrina foi gritar de susto, ele tapou com um beijo. E depois cochichou: esse vai ser o nosso maior segredo, viu? [...] O bigode foi varrendo cada vez mais forte os cantinhos de Sabrina. Ela sufocava. [...] Ele tirou o lençol, camisola, calcinha. De dentro da risada saiu uma súplica: que, que há, seu Gonçalves? Não faz isso, pelo amor de deus! O senhor é que nem meu pai. Pai não faz assim com a gente [...] Vem cá com o teu papaizinho! Não faz isso! Por favor! Não faz isso! Tremia, suave. Não faz isso! Fez. (BOJUNGA, 2006, p. 20).

Sabrina sente-se enojada com aquela situação, mas a força que seu Gonçalves exerce sobre sua mente é maior que o que ela podia imaginar, um misto de medo e terror tomam conta de Sabrina que sente-se sozinha e indefesa contra os desejos de um homem que ela considera como um pai, mas para ele Sabrina era uma distração, o que talvez ele não tinha com sua esposa, que mesmo percebendo tudo o que está acontecendo ela não toma nenhuma atitude, pois para Matilde, Sabrina não passava de uma pessoa sem índole, caráter.

Domingues (2011, p. 7) aponta que Sabrina se vê sem outra opção, com medo de ter que voltar para o orfanato, a menina se submete aos abusos do

Seu Gonçalves, que passam a animar as noites dele e assombrar as dela. Sabrina passa a ganhar presentes como forma de conquistar e comprar o que Gonçalves faz com ela, e de calar a menina. Sabrina talvez nunca tenha ganhado um presente e aquilo de início a faz feliz até que começam vir em forma mais clara, dinheiro, o que aponta claramente como além do abuso sexual, a prostituição e o “segredinho que era azul” torna-se horrendo. Bachelard (1988) expõe que:

Amenizar, apagar o caráter traumático de certas lembranças da infância, tarefa salutar da psicanálise, equivale a dissolver essas concreções psíquicas formadas ao redor de um acontecimento singular. Mas não se dissolve uma substância no nada. Para dissolver as concreções infelizes, o devaneio nos oferece as suas águas calmas, as águas escuras que dormem no fundo de qualquer vida. (BACHELARD, 1988, p, 127).

Bachelard aponta como a psicanálise se faz necessária em momentos traumáticos vividos pelas pessoas, e nos mostra que dentro do devaneio existe uma opção buscada para o desaparecimento do trauma que são as águas calmas e pacíficas, que dentro do nosso texto encontraremos mais à frente quando Sabrina de alguma forma sempre relembra como sua mãe morreu e até sente o mesmo desejo que ela teve ao suicidar-se.

Sabrina é uma criança e fora abusada por um homem que ela via como pai, mas que seu limite de destrutividade chega ao máximo do humano. Seu Gonçalves tem filhos pequenos, mas vê em Sabrina um objeto de desejo sexual. Sabrina ainda não possui suas formas sexuais ativas, ela é somente uma criança como podemos ver através dos olhos de Andrea Doria, quando ele vê Sabrina com o açougueiro “como é que ela, tão criança, já podia [...] Sabrina era criança demais”. (Bojunga, 2006, p. 163). E mesmo assim Seu Gonçalves abusa da menina sem remorso algum, pois ele volta várias vezes até o quarto da menina, que no início sente-se muito enojada, mas que depois percebe que não irá adiantar, porque não tem ninguém que a defenda. Adelma Pimentel e Lucivaldo da Silva Araújo em seu artigo *Concepção de criança na pós-modernidade* apontam que:

O abuso sexual é um tipo de agressão definido como o envolvimento de crianças e adolescentes dependentes e evolutivamente imaturos em atividades sexuais que eles não compreendem, para os quais não são capazes de dar consentimento informado, e que violam os tabus sexuais dos papéis familiares. (PIMENTEL E ARAUJO, 2007, p. 9).

A situação de Sabrina fica ainda mais crítica quando Dona Matilde descobre que seu marido visita a menina quase todas às noites. A partir daí, além de se submeter aos abusos sexuais de Seu Gonçalves, a menina é maltratada por Dona Matilde. Seu Gonçalves então passa a visitar todas às noites o quarto de Sabrina e mesmo Dona Matilde sabendo de tudo não faz nada a favor da menina. Gonçalves leva balas, chocolates, e até calcinha nova para a menina e o dia que esquece de comprar o presente, dá dinheiro para a menina, que passa a ver aquilo tudo como normal e até solicita o presente quando ele esquece, “Ei!! E o dinheirinho?” (Bojunga, 2006, p. 26).

Seu Gonçalves leva Sabrina à prostituição, sem que Sabrina entenda o que quer dizer aquele ato. Sabrina passa a gostar das coisas que ganha e a solicitá-las quando não tem, mesmo sem entender Sabrina vende aqueles momentos monstruosos que vive com seu Gonçalves, por algo que talvez ela nunca teria. Dona Matilde sabe o que o marido faz e até começa a repreender Sabrina, como se ela fosse a responsável pelo fracasso de seu casamento.

Dona Matilde deu pra repreender Sabrina cada vez com mais aspereza. Botou ela pra lavar prato, arear panela [...] um chinelo de salto alto entrou sorrateiro na faixa de luz. Parou. Sabrina quis abafar as palavras que explodiam do seu Gonçalves, mas estava paralisada de medo. O chinelo também: paralisado. (Bojunga, 2006, p. 23-24).

Sabrina vive uma tortura constante com os abusos de seu Gonçalves, percebemos momentos na narrativa que nos dimensionam ao questionamento sobre as atitudes de ambos personagens, um homem que abusa de uma criança sem nenhum pudor e uma mulher que permite que isso aconteça embaixo de seu teto. Os símbolos que Bojunga descrevem, nos mostram o ato de Gonçalves com a menina: “Até que uma noite, justo quando o seu Gonçalves vinha num crescendo de exclamação [...] misturando com os gemidos do seu Gonçalves” (Bojunga, 2006, p. 22-23), ao mesmo tempo que é

esplendoroso o projeto que Bojunga descreve para nos mostrar esse universo infantil, é repugnante imaginar que não somente Sabrina, mas tantas outras crianças vivem nesse ambiente que Bojunga aborda, assim a autora faz uma denúncia contra a violência exercida sobre a criança, como forma de gritar por elas, pois os adultos que seriam os responsáveis pela proteção, são os que mais causam atrocidades para na vida delas.

No decorrer da narrativa encontramos então com a tia de Sabrina que vai até a casa do casal para buscá-la e ao chegar na porta, solicitando a presença da menina, Dona Matilde não gosta nada e dá um tapa na cara de Sabrina, cremos que não somente por ela estar indo embora, mas como uma forma de tortura para dizer que sabia o que havia acontecido com ela e seu marido.

Primeiro o olho de Sabrina se prendeu no olho da mulher; depois, subiu pro cabelo: ruivo, farto, uma mecha loura daqui, um encaracolado de lá; desceu pra orelha: argolona dourada na ponta; atravessou pra boca: o lábio era grosso, o batom bem vermelho; mergulhou no pescoço: conta de vidro dando três voltas, cada volta de uma cor; o olho ganhou velocidade, atravessou o decote ousado, meio que tropeçou na alça da bolsa e foi despencando pro cinto grosso (que cinturinha que ela tem!), e pro branco apertado da saia, e pra perna morena e forte, que descansava o pé num sapato de salto. Bem alto. Unha da mão pintada da mesma cor do batom (BOJUNGA, p. 27-28).

Quando nos é apresentada em *Sapato de Salto* a tia de Sabrina, é através dos modos como Matilde olha para ela que temos as primeiras descrições de seu aspecto físico como prostituta, o batom vermelho que ela usa é muito característico de seus dotes dançarinos, do meio em que circula, pois para Chevalier e Gheerbrant (2001, p. 946) o vermelho caracteriza também a intensidade, a ação, a paixão, a juventude. Tudo que Inês possuía, além de ser muito extravagante. O que mais à frente será confirmado pelas simbologias que há na narrativa, como o trabalho de tia Inês, suas vestes, “seu quarto é espaçoso e com espelho grande pra gente se ver dançando, a cama redonda, é bom”. (Bojunga, 2006, p. 46) o que nos irá reportar a memória como um quarto de motel.

Tia Inês leva Sabrina para casa e no caminho vai contando um pouco da história da família para a garota, que sente uma grande alegria. Sabrina sente que agora terá uma família que vai cuidar dela, que não sofrerá mais abuso de Seu Gonçalves e que poderá sonhar, todavia Sabrina não sabe se conta o que Seu Gonçalves fazia com ela para sua tia.

Tia Inês conta para Sabrina que sua mãe havia se apaixonado por um cara casado e acabou ficando grávida e que quando foi contar para sua mãe dona Gracinha, esta ficou muito decepcionada com a situação, e assim a mãe de Sabina foge de casa e passa a prostituir-se para manter-se viva, e quando Sabrina nasce não tendo condições de cuidar da menina, ela abandona Sabrina em um orfanato e não conta para ninguém, e logo depois ela amarra uma pedra no corpo e se joga dentro do rio. Sabrina fica espantada com tudo que sua tia contou, pois ela sente que entre ela e sua mãe existe semelhanças, porque Sabrina também teve que submeter-se as coisas duras da vida para poder sobreviver, entretanto logo algo lhe tira a atenção. Andrea Doria entra em cena, um personagem, que assim como Sabrina, vive os conflitos de sua juventude. Andrea Doria como nos aponta Domingues vive um dos temas tabus de nossa sociedade que é o homossexualismo.

Outro tema tabu presente na obra é o homossexualismo. Andrea Doria é um adolescente, que sofre com a discriminação e preconceito do pai, pois gosta de dançar e tem um jeito um pouco delicado – “a delicadeza de Andrea Doria não morava só nos gestos e nos traços fisionômicos perfeitos: morava também nos sentimentos e nas reações que ele tinha” (BOJUNGA, p. 191). Encontramos na figura do pai de Andrea o reflexo de uma sociedade conservadora e machista. (DOMINGUES, 2011, p. 12)

Andrea Doria vive conflitos com sua identidade, pois ele é apaixonado por um outro rapaz, o Joel, todavia Joel não lhe dá muita conversa, pois Andrea em alguns momentos sente que o que ele só quer é sexo e não lhe dá amor. Andrea vive uma confusão em sua mente e seu pai Rodolfo um homem machista é totalmente contra tudo que o garoto faz, principalmente, porque ele prefere a dança em vez do futebol, e culpa assim a mãe de Andrea como a responsável por tudo que o garoto é, principalmente, por seu carinho por Joel, apesar de como nos aponta Silva (2013, p. 5) dizer que Andrea não sofre

nenhuma violência física e nem sexual, o que se nota é uma violência no nível da palavra, como mostra a passagem em que Paloma, mãe de Andrea, conversa com seu irmão Leonardo sobre as conversas com o pai do menino.

[...] ele viu o Joel e o Andrea se beijando ele ficou doidinho: disse que ia dar uma surra no menino pra ele aprender que homem não é coisa de outro homem beijar na boca. E quanto mais eu pedia calma e mostrava pra ele que o Andrea Doria estava ali perto ouvindo, mais ele me acusava de não ter cortado, desde pequenininho, esse gosto que o Andrea tem pra dançar, “tem mais é que jogar futebol! tem mais é que chutar bola pra aprender a ser homem!”. (BOJUNGA, 2006, p.70-71).

Andrea Doria vive o que muitos garotos têm vivido hoje em nossa sociedade, uma busca por entender-se, e por conhecer a si mesmo, mas que é visto pelo pai como um confronto contra seus desejos. Bojunga mais uma vez apresenta denúncias de como esse universo juvenil tem vivenciado suas dificuldades e mesmo sofrendo preconceitos e desestímulos, eles têm lutado para ter seu espaço no meio social. A mãe de Andrea luta para que o marido dela veja o menino como um menino normal, com desejos e sonhos, e mesmo que sejam diferentes ela entende que como pais, ambos têm que aceitar o que Andrea escolheu para ele.

Rogério Amador de Melo e outros (SD, p. 1-2) apontam em seu artigo *A heteronormatividade das representações midiáticas: símbolos presentes na construção da subjetividade homoafetiva* que apesar de hoje a mídia mostrar abertamente todas as formas de homoafetividade que isso não quer dizer, entretanto, que os paradigmas, preconceitos e estigmatizações foram superados pelos indivíduos e pela própria sociedade, e que a exclusão não faz mais parte do nosso convívio. É de ser revelado que a visibilidade conferida pela mídia a grupos denominados “desviantes”, ainda é marcada por normas ideológicas que sutilmente aprisiona e demarca espaços, restringindo a experiência da singularidade, como podemos notar através da convivência de Rodolfo e Andrea Doria.

Sabrina encontra-se com sua avó dona Gracinha, uma senhora que tem problemas psicológicos após tantos traumas sofridos com a perda de sua filha, mas, mesmo apesar de seus problemas mentais dona Gracinha reconhece Sabrina como sua neta e a trata muito bem. Sabrina agora tem uma família e

sente-se realizada mesmo sabendo que sua tem problemas psicológicos. A narrativa prossegue nos chamando a atenção para referências que o narrador expõe como no capítulo 5 do livro quando aponta, que ao ver Andrea Doria, Sabrina sente um arrepio no braço, todavia o narrador abre um espaço para dizer que Sabrina é criança para saber o que causa arrepios. (Bojunga, 2006, p. 57).

Sapato de Salto possui uma narrativa muito objetiva sem rodeios, o que caracteriza bem os espaços de cada personagem, tanto Sabrina por ser a protagonista como os outros personagens, todos eles têm aspectos que lhe são muito peculiares e muito discutido em qualquer meio social, pois Bojunga ao abordar seus personagens abertamente neste meio social, abre entre eles laços que os unem e que os separam ao mesmo tempo que os marcam de uma forma profunda. Paloma e Rodolfo os pais de Andrea Doria, são personagens tão cheios de características que poderíamos descrevê-los aqui sem precisarmos de muitas opiniões, pois sabemos que cada um possui as mesmas expressões que qualquer pai possuiria, todavia alguns pais no caso de Rodolfo, possuem feitiços mais destrutivos, pois Rodolfo é pai de Andrea Doria e é machista para com seu filho, por ele amar Joel, do mesmo sexo, e além de tudo Rodolfo não aceita a opinião de Paloma sua esposa, principalmente, em se tratando de seu filho.

Silva (2013, p. 3) aponta que as obras literárias de Bojunga tentam de todas as formas desmistificar esse mundo infanto-juvenil que os contos de fadas apresentavam, pois tanto Sabrina como Andrea Doria retratam os dramas vividos por esta nova sociedade, por este novo meio que ambos estão inseridos e tanto o machismo como o homossexualismo, são fatos que temos visto e vivenciados. Essa não aceitação que Rodolfo tem sobre o desejo sexual de seu filho representa essa nova sociedade que vivemos, e assim a autora traz essa discussão para a narrativa como uma denúncia sobre o meio que as crianças estão inseridas.

Sabrina conhece sua nova família e aprende a amá-los mais a cada dia, ela vê que sua tia Inês é professora de dança e começa a dançar também em alguns momentos com Andrea Doria, que percebe logo na primeira vez que Sabrina tem muito mais jeito para a dança que ele, e que ambos têm muito mais em comum do que se pensava. Tia Inês, uma mulher batalhadora, mas

que viveu uma vida muito desregrada em sua juventude, sua mãe via que ela era muito diferente e que começava a aparecer com umas coisas diferentes em casa, o que a levava sempre ao questionamento de onde “aquela menina tirava tudo aquilo?”, Domingues (2011, p. 8) aponta que Dona Gracinha vivia questionando sua filha sobre os lugares que ela andava, a desconfiança de sua mãe quando ela era ainda adolescente – “Inesinha! Me conta a verdade: o que que tá acontecendo? Pelo amor de Deus, me conta a verdade: quando tu chega em casa a essa hora, o que que tu fica fazendo na rua?” (Bojunga, 2006, p. 121), “Não tô te reconhecendo Inesinha! Cada vez o salto é mais alto, e a cara é mais pintada, e a blusa, mais decotada! (Bojunga, 2006, p. 123).

A personagem Inês é caracterizada pelos grandes sapatos altos, e que cada vez ficam com os saltos maiores, e que será discutindo quando também observarmos Sabrina se apoderando também desse poder dos sapatos de salto. Tia Inês quando morava no Rio era uma prostituta que vivia aliciada por um cafetão para ganhar dinheiro, todavia ela fugiu da cidade porque não queria mais aquela vida desregrada para ela, queria agora cuidar de sua mãe trabalhando, “Dando aula de dança e fazendo tudo mais que é preciso para dar uma vida legal para sua família” (Bojunga 2006, p. 135). Então tia Inês passa a morar com sua mãe em outra cidade, fugindo assim de todas as lembranças de seu passado, imaginando que o cafetão que a aliciava havia morrido.

Domingues aponta, que Tia Inês:

Primeiramente presenciamos a transformação de Inês, que compra seu primeiro sapato de salto, de verniz, ainda adolescente. – “Que tanto salto é esse, menina?! Menina não, senhora! Menina não usa sapato assim. [...] Agora sim, sou mulher!” (Bojunga, 2006, p. 119). Percebemos, no decorrer da narrativa, uma progressão. Conforme Inês vai comprando seus sapatos, com saltos diferentes e cada vez mais altos, mais ela se transforma em mulher, em prostituta – “Pra que outro sapato, Inesinha?! O salto é diferente, Dona Gracinha” (Bojunga, 2006, p. 119); “Não to te reconhecendo, Inesinha! Cada vez o salto mais alto, e a cara mais pintada [...]” (Bojunga, 2006, p. 122). (DOMINGUES, 2011, p. 11).

Os sapatos de salto passaram a ter uma grande significação na vida de Inês, tanto que às vezes assimilava suas lembranças aos seus sapatos, aponta ainda Domingues (2011, p 11) que:

A lembrança de tia Inês deu marcha-à-ré: se fixou de novo no primeiro sapato de salto; depois foi percorrendo outros sapatos... sandálias... chinelos... até se deter numa sandália vermelha de salto estilete, que tinha uma flor aplicada na altura do peito do pé. Ah! ... ela tava usando a sandália naquele dia [...] (BOJUNGA 2006, p. 123).

Tia Inês carregava as características da mulher sedutora, que Sabrina depois passou a ambicionar pela necessidade. Pois, após a morte de tia Inês Sabrina é levada a se prostituir para poder manter sua avó e assim Sabrina terá que caracterizar daquilo que toda sua família foi, prostituta. Parecia que isso era de família, como nos aponta Domingues ao dizer que:

Todas as mulheres da família de Sabrina passaram por grandes decepções na vida e nos relacionamentos. Sua avó foi abandonada com duas filhas para criar: seu marido simplesmente sumiu dizendo que ia para o mar e nunca mais voltou; sua mãe também foi abandonada pelo seu pai – que a deixou grávida – tendo que se prostituir para se sustentar, já que tinha saído de casa quando Dona Gracinha descobriu que ela estava grávida; tia Inês se apaixonou perdidamente por um cafetão que a fazia se prostituir e se drogar; e Sabrina, que aos 10 anos de idade é abusada sexualmente e depois se prostitui, assim como a mãe e a tia, para poder sobreviver e sustentar a avó. Será que a prostituição era a sina das mulheres dessa família? “Tô achando que esse negócio é de família” (Bojunga, 2006, p. 216). Até Sabrina chegou a desconfiar disso. (DOMINGUES, 2011, p, 9).

Assim é descrita a vida de Sabrina, uma menina que nem havia nascido, mas já vivenciava as dores e sofrimentos humanos, sua mãe ficou grávida de um homem casado e que não quis assumir a criança, e assim ela teve que se prostituir para poder sobreviver, porque sua mãe discutiu muito com ela, sobre a vida que suas filhas haviam decidido seguir. E assim a mãe de Sabrina após deixa-la em um orfanato, se joga em um rio amarrada a uma pedra, que dona Gracinha guarda em casa, logo mais dona Gracinha vê que perderá suas duas filhas para o mundo da prostituição, vida que ela nunca quis para ambas, pois ela lavava muita roupa para poder dar algo para as meninas.

E assim Sabrina percebe que os fatores que levaram sua mãe e sua tia a se prostituir levam-na também para o mesmo caminho, a vida pobre e sofrida das personagens criam circunstancia para que elas hajam de uma forma

destrutiva, que é vender seu corpo para sobreviver. A narrativa é tão forte que nos sentimos enojadas da crueldade que as personagens passam para sobreviver, a pobreza é tão caracterizada que nos sentimos fracos em não poder fazer algo, pois sabemos que a autora faz esse jogo com a mente dos leitores, da pobreza e do social engajados e muito bem objetivados, para que enquanto leitores, possamos ver a cruel realidade que as crianças são submetidas.

Desde muito cedo a infância é caracterizada nas narrativas de Lygia Bojunga com crueldade, pois vimos anteriormente em *Corda Bamba* a vida de Maria e como Áries aponta essa infância e o meio em que as crianças eram inseridas, posteriormente, a infância veio a ser abarcada com um mundo em que elas podiam ter o seu lugar, e através das literaturas infantis foram criadas os contos de fadas, em que tudo acabava bem no final, todavia nas décadas adjacentes as crianças foram percebendo que não existiam o felizes para sempre para todos e que esse meio social era cruel para qualquer um que estivesse nele. Então começaram a criar tanto na literatura como nos filmes, histórias que foram de encontro com a realidade vivida, assim como vemos em “Chapeuzinho as Aversa” e várias outras histórias.

Pensar a personagem Sabrina nesse meio é nos questionar como essa criança vive tantas atrocidades e permanece uma criança, pois vemos como ela trata a si mesma após tornar-se uma prostituta, ela diz para Paloma que é uma puta, “sabe o que é puta, sabia que eu sou puta?” (Bojunga 2006, p. 168) “Putas não é quem descola uma grana pra fazer coisa que homem quer que a gente faz quando fica pelada?” (Bojunga, 2006, p. 214), como se isso fosse tão simples, que não houvesse nada nessa palavra além do que ela fazia, pois apesar de tudo Sabrina possui uma mente de criança, sua imagem até poderia ser de uma prostituta, todavia ela era apenas uma criança lançada a mercê da sociedade.

A autora cria esse jogo com as palavras e desnuda de modo claro a sociedade machista, dura e cruel em que tantas crianças como adultos estão inseridas e mostra que apesar de tudo as crianças não estão isentas só porque são crianças. Alves (2013, p. 3) aponta que Bojunga nos oferece uma nova perspectiva da criança e de seu imaginário, pois a autora aponta para um lado sombrio, inquietante e obscuro da infância. A tia de Sabrina morre, todavia não

podemos deixar de falar como a vida de Sabrina será mudada, e é através das personagens Paloma, Leonardo e Andrea, que Sabrina vê um novo caminho para sua vida, pois após a morte de sua tia, Sabrina utiliza as economias que Inês escondia no fundo da palmilha do sapato.

Paloma, uma personagem que apresentamos anteriormente, é casada com Rodolfo, e ambos têm como filho Andrea Doria, que tem tendências homoafetivas por Joel, todavia Rodolfo é um homem muito duro e briga muito com Andrea sobre seus desejos, excluindo assim seu pai totalmente de seus anseios. Paloma engravida de uma menina, todavia ela perde a criança durante a gestação o que causa muito desgosto para ambos, porém Paloma é taxada como a total culpada por tudo que aconteceu. Leonardo é o irmão gêmeo de Paloma, que a ama muito e dá muitas forças para Paloma e Andrea.

Leonardo é uma personagem que mora em outra cidade, ele é casado e tem sua própria empresa, não é rico, mas podemos perceber que ele tem algum dinheiro, pois diz a Paloma que ele pode ajudar ela no que precisar e na decisão que tomar ele estará ao lado dela. Após Paloma perder o bebê que esperava, sente-se muito triste, e os problemas em casa só aumentam, as brigas com Rodolfo ficam insuportável a ponto de eles pedirem a separação, e a separação é desencadeada pela ideia de Paloma, que é adotar Sabrina e sua avó.

Domingues (2011, p. 11) aponta que Sabrina adota o sapato de salto como o símbolo de uma identidade feminina estigmatizada. Ícone de sensualidade, o sapato reporta a menina para um papel social de desejo sexual, além de deixá-la mais alta, mais velha, mais mulher – “Que saltão, heim, Sabrina? Sabrina se botou na ponta do pé descalço. É mesmo; fico da altura da senhora, tá vendo?” (Bojunga, 2006, p. 208-209); “Quando eu saio eu boto o sapato da tia Inês pra não parecer que eu ainda vou fazer onze anos” (Bojunga, 2006, p. 214). Sabrina passa a usar os sapatos de tia Inês, e nesse momento percebemos através do sapato, como a autora trabalha a mudança de comportamentos de Sabrina, de menina para mulher. Para tanto, Domingues (2011, p. 11) nos aponta ainda que Sabrina adota o sapato também para incorporar o papel de mulher adulta, responsável pela sua família.

E quando eu botei o sapato pra não parecer mais criança, não foi só pra descolar grana de homem querendo sacanagem. Isso também, né? Isso também, senão... como é que eu vou comprar comida? Mas eu não quero parecer mais criança porque fica aí essa vizinhança toda dizendo que eu sou criança e que a vó Gracinha é maluca, e que criança que ir pra casa do menor abandonado, e que maluco tem que ir pra casa de maluco [...] (BOJUNGA, 2006, p. 217).

Danúbia Ferreira Alves em seu artigo *As representações do Imaginário Infantil nas Obras de Lygia Bojunga e Gabriel Garcia Márquez destaca que:*

A imagem da troca do sapato baixo pelo sapato de salto é uma bela metáfora para a transição da menina em mulher. Transição esta que não se dá apenas no corpo da personagem, mas principalmente em seu modo de pensar e em suas emoções, o que pode ser notado pelos olhos de outra personagem do romance, Andrea Doria que participa como *voyeur* do primeiro “programa” de Sabrina: “O olho do Andrea Doria se prendeu na Sabrina: a cara muito séria; uma saia muito curta. Mais uma vez o Andrea Doria se surpreendeu: achou que de repente, a Sabrina tinha crescido.” (BOJUNGA, 2006, p.160). (ALVES, 2013, p. 6).

Por mais que viva uma nova realidade, Sabrina não deixou de ser criança, mas, seu comportamento e seu pensamento está focado em outras ideias, pois agora Sabrina terá que ser a provedora do lar, de um lar que foi desestruturado e corrompido pelo meio que ela vive. Por mais que ela seja criança ela sabe que o caminho que ela tem que seguir trará comida para dentro de casa e assim ela muda suas vestes e muda sua personalidade para parecer mais velha e conseguir clientes.

Saindo da dura realidade que fora a casa de Dona Matilde e Seu Gonçalves, para o mundo da imaginação de dona Gracinha e agora o retorno a realidade que desmistifica e destrói com o conceito de criança que nasceu para brincar. Sabrina vê a morte de sua tia, na sua frente, pelo cafetão e logo após, para não passar fome com sua avó, vê-se forçada a tomar atitudes que não condizem com sua idade.

Silva (2013, p. 6) aborda que a autora (des) constrói todo o arquétipo de criança vítima, inocente, pura e dá vida a personagens sofredores, complexos e inteligentes, pois a tudo questiona e procura entender, quanto no nível

emocional e sentimental, tendo em vista que ao longo da narrativa, as personagens vão buscando saídas para seus conflitos.

Após calçar os sapatos de saltos, Sabrina sente que as rédeas de sua casa têm que estar em suas mãos e toma toda as decisões que seriam necessárias para que sua avó não fosse levada para um asilo e ela para o orfanato novamente. Sabrina vai com o açougueiro até uma mata, e este é seu primeiro cliente, Sabrina é levada a tomar uma decisão que era difícil, mas, que era necessária, porque somente assim ela teria dinheiro para não passar fome. O que temos, todavia em nossa mente é como esse homem que trabalhava próximo onde Sabrina morava deixa Sabrina chegar a este ponto? Como ele aceita o convite de uma menina? Então nos lembramos de como Gonçalves teve coragem de abusar da menina que brincava com seus filhos? São questionamentos que não cabem em nossa mente, mas que é algo normal para esta sociedade, que luta todos os dias contra atrocidades como estas vidas nas obras de Bojunga.

Silva (2013) aponta que:

Então, pode-se dizer que Lygia Bojunga, a partir da figura carregada de símbolos do açougueiro, ao se apropriar desta, cria um novo mito que abarca o universo já conturbado da personagem Sabrina. Quer dizer, é possível notar que se cria um terceiro mito para a figura do açougueiro no contexto do livro que se sobrepõe à simples figura de cortador de carne, pois lhe é atribuída também uma imagem grotesca de homem “sujo”, capaz de fazer coisas “sujas”, de uma maneira fria e “sem expressão”, como notou a personagem Paloma. Ao fazer isso, a autora, certamente, fez uso do sentido conotativo da palavra açougueiro que se refere aos médicos que não desempenham bem o seu papel, e por isso, são chamados de açougueiros. (SILVA, 2013, P. 4).

Bojunga cria todo um enredo e faz aberturas para nossa mente verificar como estão engajadas as crianças em nosso meio, verificando assim que as crianças já não são infantilizadas e que já deixaram a muito tempo os contos de fadas, os felizes para sempre, a autora expõe cenas terríveis, que nos tiram o chão, mas que são para demonstrar como é o meio que estamos inseridos, e como as mudanças tem ocorrido tanto para adultos como para as crianças.

Os sapatos tanto para Sabrina quanto para tia Inês, representam além de sua liberdade, expressões que somente o tempo poderia justificar. Para

Vanda Josefina Branchine (2006) em sua tese *O discurso do Sapato de Salto* a autora aponta que a muito tempo o sapato de salto não passou apenas de fetiche, poder e feminilidade para quem os porta-se, e que eles não eram para proteger os pés como alguns poderiam sugerir, porque eles machucavam muito em suas formas, e quanto mais alto o salto, mais poder teria a mulher que o utilizasse.

O sapato de salto como nos aponta Branchine (2006, p. 9) era carregado de influência sobre os hábitos, uma vez que ativava o imaginário, levando a “ler” de determinadas maneiras o que é pronunciado, assim o sapato de salto proporciona a quem o usa uma nova postura, mudando, inclusive o centro de gravidade, obrigando o corpo a se reposicionar, distribuindo-se em “S” – sensual, sexual, sedutora, sublime.

Branchine (2006, p. 18) ainda aborda que o sapato de salto alto não profere uma fala qualquer: transmite intenção de seduzir, demonstra poder, impressionar, diferenciar. Vem reforçar a ideia de feminilidade, sensualidade, sedução, altivez, sexualidade, poder e destaque/status. O salto alto torna a mulher mais ativa, fálica e agressiva, colaborando para sua emancipação num mundo ainda de homens e competitivo. São eficientes em demonstrar competência e feminilidade.

Sabrina passa então a usar os sapatos de sua tia para que os homens a possam ver com mais idade e não como uma criança:

E quando eu botei o sapato pra não parecer mais criança, não foi só pra descolar grana de homem querendo sacanagem. Isso também, né? Isso também, senão... como é que eu vou comprar comida? Mas eu não quero parecer mais criança porque fica aí essa vizinhança toda dizendo que eu sou criança e que a vó Gracinha é maluca, e que criança que ir pra casa do menor abandonado, e que maluco tem que ir pra casa de maluco [...] (BOJUNGA, 2006, p. 217).

E seu primeiro programa é com o açougueiro que podemos ver descrito através dos olhos de Andrea Doria que está no rio esperando para ver Joel, todavia o que ele vê é Sabrina saindo do meio do mato com o açougueiro.

Você viu a gente? Ele fez que sim. Sabrina respirou mais forte.
– Lá? – e fez um gesto de cabeça pro matagal.

– Não, não! Eu só vi vocês chegando e entrando. E depois saindo. Sabrina ficou olhando pra ele e depois perguntou:
– E você viu que ele quis ir embora sem nem me pagar?
Andrea Doria continuou olhando pro rio.
– É... eu vi ele indo embora e você vindo sentar aqui. E aí, se lá! – meio que riu – de repente, não sei por que, eu achei que você tava indo pro rio.
– Que nem a minha mãe?
Ele se virou. E ficou tão impressionado com a expressão doída que viu na cara de Sabrina (ah! A mesma expressão que ele tinha visto na cara da Paloma batendo com o punho na cama e repetindo sem parar, por quê? Por quê? Por quê!), que mal teve coragem pra perguntar:
– Sua mãe? Por quê?
– Ela quis acabar com a vida dela. Se jogou no rio. Amarrou uma pedra no peito. Pra afundar mais depressa. (BOJUNGA, 2006, p.167-168)

Silva (2013, p. 7) aponta como Andrea se vê frente a toda aquela situação de constrangimento e preocupação, mas ele expõe como a conversa dos dois personagens, e suas experiências são bastante intensa, pois a situação faz Andrea se lembrar de sua mãe sofrendo e também faz Sabrina se lembrar da triste história do suicídio de Maristela (sua mãe).

Nesse momento, é como se Sabrina também estivesse pensando na eminência de se jogar no rio como fizera sua progenitora no passado, revelando o profundo sofrimento da personagem frente à situação à qual ela se encontrava submissa.

Sabrina vai almoçar na casa de Andrea no mesmo dia e sente-se bem em ver Paloma, todavia a dura realidade ainda a persegue, entretanto, Paloma passa a frequentar a casa de Sabrina para ver ambos dançando e é neste momento que descobre através da própria Sabrina a dura realidade que a menina vem enfrentando desde a morte de sua tia Inês: “Naquele dia que eu fui almoçar na sua casa. Ele não contou pra senhora que me viu com o açougueiro? Lá no capinzal?” (Bojunga, 2006, p. 212).

Paloma se sente constrangida com toda aquela situação se Sabrina vem passando, e ela nunca parou para pensar como ela estava e assim passa a ajudar Sabrina e sua avó, trazendo lhe comida e fazendo com que Sabrina prometa que nunca mais irá procurar homem nenhum. Paloma, assim como nós leitores ficamos abatidos com o caminho que Sabrina tem que tomar após a morte da provedora da casa, e sente-se na obrigação de ajudar aquela família.

Nas suas intermináveis reflexões, será que você nunca se lembrou de pensar que, nessa idade, uma criança já foi marcada pelo ambiente em que viveu? E que nunca mais vai se libertar dessas marcas? Nem isso você pensou, não é? Ela já é uma prostituta! E vai ser sempre! Bonitos planos você arrumou pra mim! Além de estimular meu filho pra ser gay, agora está querendo trazer uma puta pra morar na minha casa” (BOJUNGA, 2006, p. 241).

Para Paloma, a única forma de ajudar Sabrina seria a adoção, o que não é aceito por seu marido Rodolfo, que já desgastado com todas as revoltas contra seu filho decide ir embora e deixa Paloma com suas decisões.

[...] Você acaba de trazer a sua “perfilhada” Sabrina e a sua “adotada” Vó pra esta casa. (Tanto o perfilhado quanto pro adotada ele faz sinal de aspas no ar.) Não estou a fim de conviver nem com uma nem com outra. – Se ergue e, afinal, olha pra Paloma: - Então, minha cara, não me resta senão dizer: até mais ver. – E acompanha o gesto de despedida com uma expressão irônica” (BOJUNGA, 2006, p. 268).

Paloma trava uma luta consigo mesma, está sozinha em suas decisões agora, pois seu marido a deixou e não quis saber o que ela faria de sua vida. Agora Paloma tem em suas mãos decisões que mudaram radicalmente tudo que ela pensava ou sonhava, agora ela será além de provedora do lar, mãe de três pessoas, pois dona Gracinha vive em seu mundo de criança. A Personagem é tão forte que sente-se preparada para fazer algo por aquela menina que ela nem conhecia direito e que tem em seu passado fortes marcas, mas Bojunga dá a personagem Paloma o poder de fazer aquilo que talvez ninguém teria coragem de fazer, que é adotar Sabrina e sua avó. Assim Paloma conta para Sabrina o que irá fazer com as duas o que deixa a menina muito feliz, pois terá uma família novamente e poderá ser uma criança.

Sabrina se levantou num pulo. Abraçou a Paloma; abraçou o Andrea Doria; abraçou a dona Gracinha; correu pro som; botou música; pé, braço, cabelo, corpo, tudo desatou a dançar, celebrando a nova estação de vida que ia começar (BOJUNGA, 2006, p. 260).

Alves (2013, p. 5) aponta que Lygia Bojunga ao trazer à tona a violência sexual concretiza uma das formas dos logos pedagógicos ressaltados por

Jorge Larrosa, pois, ela leva-nos a pensar sobre um lugar novo da infância, no qual os poderes de criar e imaginar são tolhidos pelo adulto que violenta a criança, invadindo não somente seu corpo como também sua mente. Alves ainda expõe como o mundo da imaginação de Sabrina é comprometido a partir de todos os abusos e sofrimentos que ela tem, mas que a convivência com sua avó e com sua tia, criam características e reforçam que ela ainda pode ser criança, mas com a morte da tia, ela retorna ao mundo da brutalidade.

Sabrina volta a ser “criança”. Além das brincadeiras no varal, havia os momentos para o pique esconde. Tia Inês também funciona como motor para a imaginação de Sabrina, oferecendo-lhe uma alternativa para escapar à realidade: apresenta-lhe a dança capaz de seduzir a garota e conduzi-la à esperança e à felicidade [...]A criança torna-se precocemente uma mulher, havendo nela pouco espaço para o imaginário infantil, passando, portanto, a portar-se de modo diferente e a enxergar-se como prostituta. (ALVES, 2013, p. 6).

Alves aponta como o universo infantil é ameaçado todas as vezes que uma criança sofre um abuso que sua mente é incapaz de entender, ele retoma como a mente da criança se esconde em si mesma e muitas vezes não consegue entender-se, ou encontrar-se, assim como vimos em *Corda Bamba* quando Maria sofre um trauma e que utiliza do mundo da imaginação dos devaneios para poder se encontrar consigo mesma. Entretanto Sabrina, como nos aponta Alves, fica presa em sua mente, sua imaginação não alcança aspectos para que ela consiga se enveredar nesse mundo.

Domingues (2011, p, 48) aponta que a literatura inovadora revela uma visão mais clara da realidade na qual o leitor já está inserido, apesar de muitas vezes não a conhecer ultrapassando a função didática moralizante. Ao cumprir seu papel social, a literatura colabora para a formação da sociedade, por meio da emancipação do homem que tem seus horizontes e percepções ampliadas. Os textos de Lygia Bojunga se enquadram nesse contexto. A autora ainda aborda que:

Para os padrões sociais contemporâneos, Sabrina é uma criança, e jamais poderia passar pelas experiências horrendas que passou. Mesmo se reconhecendo como tal, as circunstâncias da vida levam Sabrina a incorporar outras

identidades: a de mulher desejada sexualmente pelo homem que a adotou; a de “puta” que troca seu corpo por dinheiro para sustentar a avó e a si mesma – “Trinta reais. Daí pra cima. E tem mais! Pagamento adiantado. Feito a dona de casa. Pagou, deito; não pagou, não deito!” (Bojunga, 2006, p. 175); a de adulta responsável pelo sustento e sobrevivência da família – “[...] e disse que criança eu também não era: conhecia homem melhor que ela, e era bom ela ficar entendendo que se eu tinha uma família eu tinha mais é que tomar conta da minha família” (Bojunga, 2006, p. 218). (DOMINGUES, 2011, p.72).

Mesmo em meio a todos os percalços que a personagem infantil tem que sofrer, Lygia tem nos destronado com suas formas de narrativas tão abertas para este público de literatura Infanto-juvenil, pois a autora ao nos inserir junto ao seio da vida da personagem Sabrina nos traz sensações horrendas com tudo que a menina sofre. Alves (2013) nos expõe que:

Bojunga não nos oferece a imagem da criança saudável e feliz, ao contrário, ela chama-nos a atenção para os problemas que podem atingi-las e provocar traumas irreversíveis. Bojunga permite-nos, assim, a reflexão sobre a própria condição do “ser” criança e de suas implicações. Mas como fica o poder de imaginação e fantasia das crianças que têm suas vidas modificadas por um trauma? (ALVES, 2013, p. 3).

Alves conclui sua fala com um questionamento sobre o trauma que uma criança pode ter ao sofrer tamanhos sofrimentos em sua vida, mas não estamos aqui para questionar isso, todavia temos que relevar que Sabrina diferentemente de Maria que vive no mundo do fantástico, possui somente Dona Gracinha sua avó como chave de escape para o mundo da imaginação, pois como Alves (2013, p. 6) nos aponta que a avó finge estender as roupas no varal, quando na verdade está estendo suas tristes lembranças e frustrações. Sabrina acaba entrando no jogo e dando asas à imaginação, tanto dona Gracinha como a dança são somente as chaves que Sabrina possui para poder fugir da crueldade que lhe foi imputada por esta sociedade.

Após a morte de Tia Inês, Sabrina passa a ser a única forma de sobreviver de sua casa, e talvez não tenha mais tanto tempo para sonhar, todavia vemos que quando ela baila com Andrea, uma fagulha ainda queima em seu peito dizendo que seus sonhos não acabaram por causa da crueldade,

mas que ela ainda pode ser uma bailarina. Alves (2013, p. 5) apud Larrosa (1999, p.127), irá apontar-nos que tudo que Sabrina vive leva-nos a pensar sobre um lugar novo da infância, no qual os poderes de criar e imaginar são tolhidos pelo adulto que violenta a criança, invadindo não somente seu corpo como também sua mente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossas considerações, a princípio, sobre a obra *Corda Bamba*, apontamos que Maria e Sabrina são personagens complexas e múltiplas como apontam Candido (2002, p. 44), as personagens vivem um eterno desvendar de si, a cada momento que elas passam de suas vidas, as personagens são intrigantes e vivem momentos que somente pessoas adultas deveriam enfrentar, mas que elas têm que passar para poder sobreviver, e é assim que encontramos as mudanças que elas passam a ter a cada dia no meio social que vivemos.

Na literatura, como aponta Ludimilla Santos (2006, p. 11)

A centralização do enredo na criança permitiu a construção de personagens que buscam a conquista desse espaço social, realizando, quase sempre, deslocamentos (físicos ou simbólicos) na construção de sua identidade e na expressão de seus sentimentos. Ao assumir a posição de protagonista ou narradora na literatura, a personagem criança possibilitou o enriquecimento do quadro literário contemporâneo por oferecer novas alternativas de ação e elaboração dos elementos narrativos, inclusive em sua relação mais profunda e autêntica com outros personagens (adultos ou seres humanizados).

Assim, os personagens infantis, ao mesmo tempo que lutam e apontam um amadurecimento em suas trajetórias, vivem como se nos contassem nossas próprias vidas, como se pudéssemos fechar os olhos e nos redescobrirmos atrás de uma porta ou ao lado de uma janela. Mesmo não vivendo as aventuras que Maria vive, somos a todo momento indagados se não passamos por algumas das portas que Maria passou para crescer e somos lançados no meio da magia que a pequena vive. Assim, as personagens Maria e Sabrina passam por seus rituais de transição da infância para um amadurecimento mais consistente, todavia, Maria muito mais mística que Sabrina, pois em *Sapato de Salto* o amadurecimento de Sabrina será referenciado através de conflitos sexuais, amorosos e familiares que tentaram tirar de Sabrina sua infância, mas que todavia será salvo por Paloma uma personagem carregada do amor e da coragem que lhe são muito pertinentes.

Bojunga aborda através da personagem Sabrina abusos que a infância sofre, e sem meios de contestar, Sabrina é apenas uma criança e já viverá assim como Maria as dores de um crescimento brutal e inesperado, todavia, Maria se envereda pelo mundo mágico para poder entender tudo que lhe ocorrerá e Sabrina tem que tomar caminhos que para nós leitores é muito traumático. Entender Maria e Sabrina é um grande passo para nossa sociedade, pois, ambas as personagens somente são símbolos de um grito que ressoa por todas as ruas, das crianças que foram e são abusadas, das crianças que vivem seu mundo permutado ao mundo adulto.

Bojunga cria em nós leitores, sementes de estranhamento que nos fazem crescer com suas leituras e nos faz questionarmos constantemente como a criança tem tanta força para enfrentar momentos tão angustiantes. Elas são diferentes, vivem histórias diferentes, mas são crianças e estão em fase do amadurecimento e cabe ao adulto entender o que a autora Lygia Bojunga aponta em sua escrita sendo como um referencial da mudança que tem ocorrido no meio social em que vivem as crianças, há uma nova ressignificação no modo de ver a criança, ela não é mais indefesa como víamos, mas, elas vivem e sobrevivem a tudo que os adultos passam, mesmo com pouca idade. E a literatura é esse confronto constante que temos em nós, é esse momento de mudança, de conforto e desconforto com o ser, é um mundo mágico e surreal, ao mesmo tempo que real e complacente.

REFERÊNCIAS

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. (Trad. Dora Flaksman) 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Devaneio**. Trad. Antônio de Pádua Danesi. 5ª ed. Editora Martins Fontes, São Paulo 1988.

BACHELARD, Gaston. **Os pensadores**: seleção de textos de José Américo Motta Pessanha traduções de Joaquim José Moura Ramos (et al.). —Abril Cultural, São Paulo, 1978.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. Trad. Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. Consultor, Francisco Foot Hardman. 1ª reimpressão Companhia das Letras. São Paulo, 1986.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fada**. Tradução Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CANDIDO, Antônio. **A personagem de ficção**. 10ª ed. Editora Perspectiva. São Paulo, 2002.

CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Elaboração de: Andre Barbault; coordenação Carlos Sussekind; tradução Vera da Costa e Silva. 16 ed. José Olympio, Rio de Janeiro, 2001.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arqueologia geral**: tradução Hélder Godinho. 1ª ed. Martins Fontes. São Paulo, 1997.

Dicionários on line. Aulete digital e Aurélio.

FERNANDES, Dirce Lorimier. A literatura Infantil. Edições Loyola. São Paulo, 2003.

FREUD, Sigmund. **Conferências introdutórias a psicanálise**: parte I e II. Vol. XV. 1915. PDF

FREUD, Sigmund. **Interpretação dos Sonhos**. Cap. IV. PDF

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Livro na íntegra (totalmente escaneado) (Do livro: A identidade cultural na pós-modernidade, DP&A Editora, 1ª edição em 1992, Rio de Janeiro, 11ª edição em 2006, 102 páginas, tradução: tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro)

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história e histórias**. 2ª ed. São Paulo. Ática, 1985.

NUNES, Lygia Bojunga. **Corda Bamba**. Ilustrações Regina Yolanda. Editora Casa Lygia Bojunga, 23ª edição, 10ª reimpr. Rio de Janeiro, 2008.

NUNES, Lygia Bojunga. **Sapato de Salto**. Editora Casa Lygia Bojunga. Rio de Janeiro, 2006.

SOUZA, Flavia de Castro. **A trilogia da morte: o imaginário em Lygia Bojunga**. Dissertação apresentada como requisito a pós graduação em Letras da Universidade Federal de Goiás, 2009. Acessado dia 08 de janeiro de 2014 as 9:50.

SANTOS, Ludmilla Oliveira. **Na Corda Bamba: o espaço da criança na obra de Lygia Bojunga**. Dissertação Literatura Brasileira. Universidade de Brasília, 2006. Acessado dia 08/01/2014 disponível em:
http://www.gelbc.com.br/pdf_teses/ludmila_santos.pdf

CRISTÓFANO, Sirlene. **Lygia Bojunga e a literatura Infanto juvenil: uma crítica lúdica e a abordagem à realidade social**. Mestre em Literatura,

Culturais e Interartes, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, FLUP Porto, Portugal. Acesso em 08 março, disponível em:

http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CBwQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.revistas.usp.br%2Flinhadagua%2Farticle%2Fdownload%2F37337%2F40057&ei=wTnMU6baJqHfsATh9oBI&usg=AFQjCNE1FZ8DWDWRWcTsxMI0_kxE1pfsuw&bvm=bv.71198958,d.cWc

OS CAMINHOS ENTRE O REAL E O IMAGINÁRIO EM CORDA BAMBA, DE LYGIA BOJUNGA. Elaine Bezerra (UFU), Miriane Pereira Dayrell Souto (IC-CNPQ/UFU), Patrícia Francielly A. Lara Silva (UFU), Samilla Akemi Nagasaki (IC-FAPEMIG/UFU). Revista Eletrônica de Ciências Humanas, Letras e Artes / ISSN 2175-2516. Uberlândia, 2010. Acesso em 07 de janeiro disponível em: http://www2.uefs.br/ppge/dissertacao/dissertacao_ferreira_2013.PDF.

SANTOS, Daniela Yuri Uchino. **Estética e imaginário em Corda bamba de Lygia Bojunga Nunes.** Mestrando em estudo comparados pela FFLCH-USP, SD. Acesso em 06 de Janeiro disponível em: [file:///C:/Users/Catiane/Downloads/52698-65979-1-SM%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Catiane/Downloads/52698-65979-1-SM%20(1).pdf)

SCHUBERT, Fernanda Magalhaes Boldrin. **Lygia Bojunga: A recepção de corda Bamba por crianças e adolescentes.** Dissertação apresentada pela Universidade de Maringá com requisito a obtenção de Mestre. 2007. Acesso em 08 Janeiro, disponível em: <http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/fmbschubert.pdf>

A constituição do infantil na obra de Freud. Dione de Medeiros, Lula Zavaroni, Terezinha de Camargo Viana, Luiz Augusto Monnerat Celes. Universidade de Brasília. Acesso em 21 de março disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/14195/1/ARTIGO_ConstituicaoInfantilObraFreud.pdf

DOMINGUES, Paula Francielle. **Lygia Bojunga quebrando tabus.** Monografia apresentada pela Universidade Tuiuti do Paraná. 2011. Acesso em 12 de fevereiro, disponível em:

<http://tcconline.utp.br/wp-content/uploads//2012/08/LYGIA-BOJUNGA-QUEBRANDO-TABUS.pdf>

SILVA, Edson Maria. **Enlaces sexuais, enlaces violentos...Enlaces: analisando Sapato de Salto, de Lygia Bojunga, e o desabrochar de Máximo Oliveiros de Auraeus solito**. Uberlândia: EDUFU, 2013. Acesso em 06 de Janeiro, disponível em: http://www.ileel2.ufu.br/anaisdosilel/wpcontent/uploads/2014/04/silel2013_2506.pdf

FERANDES, Camila de Souza. MARTHA, Alice Aurea Penteado. **Caminhos de leitura em Sapato de Salto, de Lygia Bojunga**. Pela UEM. SD. Acesso em 10 Maio de 2014. Disponível em: http://www.pucrs.br/edipucrs/CILLIJ/praticas/Caminhos_de_leitura_em_Sapato_de_salto,_de_Lygia_Bojunga.pdf

ALVES, Danúbia Ferreira. **As representações do imaginário infantil nas obras de Lygia Bojunga e Gabriel García Márquez**. Uberlândia: EDUFU, 2013. Acesso em 10 Maio de 2014. Disponível em http://www.ileel2.ufu.br/anaisdocena/wpcontent/uploads/2014/02/cena3_artigo_12.pdf

PIMENTEL, Adelma. ARAÚJO, Lucivaldo da Silva. **Concepções de criança na pós-modernidade**. Universidade Federal do Paraná. 2007. Acesso em 10 Maio de 2014. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/2820/282021756002.pdf>

BRANCHINE, Vanda Josefina. **O discurso do Sapato de Salto**. Dissertação em propagandas, Universidade de Brasília. 2006. Acesso em 25 de março, disponível em: <http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/1836/2/20277557.pdf>

A Heteronormatividade das representações midiáticas: símbolos presentes na construção da subjetividade homoafetivas. Rogério Amador de Melo, Heverton Garcia de Oliveira, Tereza Rodrigues Vieira. Curso de

Psicologia da Universidade Paranaense – UNIPAR. SD.Acesso em 01 Abril de 2014. Disponível em:

https://www.google.com.br/?gws_rd=ssl#q=A+Heteronormatividade+das+representa%C3%A7%C3%B5es+midi%C3%A1ticas+as%C3%ADmbolos+presen+tes+na+constru%C3%A7%C3%A3o+da+subjetividade+homoafetivas

BASTOS, Benedita Rosarinha de Arruda. **Violência contra a criança e ao adolescente: exploração sexual Infanto juvenil, prostituição**. Monografia de Especialização em Direito da Criança e do Adolescente. Cuiabá, 2008. Acesso em 25 Abril de 2014. Disponível em:

[http://www.andi.org.br/sites/default/files/legislacao/Viol%C3%Aancia%20contra%20a%20crian%C3%A7a%20e%20o%20adolescente_%20Explora%C3%A7%C3%A3o%20Sexual%20Infanto%20Juvenil%20e%20Prostitui%C3%A7%C3%A3o%20Infantil%20\(monografia\).pdf](http://www.andi.org.br/sites/default/files/legislacao/Viol%C3%Aancia%20contra%20a%20crian%C3%A7a%20e%20o%20adolescente_%20Explora%C3%A7%C3%A3o%20Sexual%20Infanto%20Juvenil%20e%20Prostitui%C3%A7%C3%A3o%20Infantil%20(monografia).pdf)